

FACULDADE TEOLÓGICA INTERNACIONAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS
Av. Nelito Mendes nº 349 – Centro CNPJ 12.652.479/0001-20
Cep: 63570-000 – Antonina do Norte – CE

DOUTORADO EM TEOLOGIA LIVRE

CARLOS MUCUTA SANTOS

**A Ekklesia de Christos e as Tradições: Caminhos da decolonialidade religiosa à Luz do
Evangelho escrito pelo Apóstolo Mateus capítulo 15, versículo 3.**

Antonina do Norte – CE, 2024

CARLOS MUCUTA SANTOS

A Ekklesia de Christos e as Tradições: Caminhos da decolonialidade religiosa à Luz do Evangelho escrito pelo Apóstolo Mateus capítulo 15, versículo 3.

Versão Original

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Teológica Internacional das Assembleias de Deus, como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em Teologia Livre.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Kaline Kaled Natri Bento

Antonina do Norte – CE, 2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CARLOS MUCUTA SANTOS

A Ekklesia de Christos e as Tradições: Caminhos da decolonialidade religiosa à Luz do Evangelho escrito pelo Apóstolo Mateus capítulo 15, versículo 3.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Teológica Internacional das Assembleias de Deus, como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em Teologia Livre.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Aprovada em/...../2024

BANCA EXAMINADORA

Membros Titulares

1. Orientador: Prof. Dr. Kaline Kaled Natri Bento (Orientador)
Instituição: Faculdade Teológica Internacional das Assembleias de Deus
Assinatura: _____
2. Professora Doutora Maria Aparecida de Azevedo
Instituição: ISTSP – São Paulo
Assinatura: _____
3. Professor Doutor Ramayl de Carvalho Divan
Instituição: FFLCH - USP
Assinatura: _____
4. Professor Doutor Carlos de Ramalheto Moscovo
Instituição: CIAB - Colômbia
Assinatura: _____
5. Professora Doutora Darwin Marvin Mattor Jacob
Instituição: UHJ - Israel
Assinatura: _____

A heroica Família Mucuta camaxileno
Aos Cristãos conscientes com conhecimento cultural e cognitivo.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno Deus Todo-Poderoso, por Ele pude até aqui.

A toda Família Mucuta Santos por aceitar ficar sem o calor do pai por longos tempos dedicados aos Estudos.

A Nanchingunun' Kamass' Jorgina (in memorium) por me ter levado no seu seio por 9 meses e me ter trazido ao mundo.

A Jorge Mukuta Mitangui por todas as qualidades de pai que me fizeram ser homem desde muito cedo.

A toda Família ADP Ministério El-Shadday Compaixão – Dundo pelas orações e amor fraterno.

Ao Professor Prof. Dr. Kaline Kaled Natri Bento pela orientação.

A todos os meus Professores no ramo de Teologia de graduação na FATAD (Angola), FAESP (São Paulo), e doutorado na FATIAD - Brasil.

Ao jovem Ulisses de Oliveira, primeiro amigo no solo brasileiro, pelo acolhimento a partir do aeroporto do Guarulhos e ambientação na USP (CRUSP, FE-USP).

Aos Companheiros Colegas da USP: Carlos Cabombo de Nascimento Miguel, Venice Roberto Leopoldo, Kiala Pedro Lufulo Vanga, Alberto Kitanda Marcelino, Jandira Dala, Africano Florindo Francisco Samo, Sérgio José Custódio, Denise Teixeira, Cristina Maindo, ...

Ao Pastor Paulo Vieira Ramalho (um verdadeiro irmão que Deus me proporcionou em terras brasileiras) da Assembleia de Deus Ministério do Belém, 1º pastor que me acolheu em solo brasileiro e que sempre me apoiou financeiramente quando necessitei.

A toda Família Cristã de São Paulo com os quais convivi na Assembleia de Deus (AD Ministério do Belém e AD Brás - Madureira) e na IEPE (Rio Pequeno).

Aos Professores e Colegas da FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo pelas experiências no campo teológicos e crescimento de fé e conhecimento das Escrituras.

Ngunakakwila Brasil – Angola (Brasil-Angola: EU VOS AGRADEÇO)

אַת־כֹּל אוֹכֵל בְּיַד הַמְּשִׁיחַ הַמְּאַזְרֵנִי הָיִל:

Posso todas as coisas em Cristo quem me fortalece

(Filipenses 4 versos 13)

Kunahasa kulinga yumayeswe mudi yoze wakunguhashisa

(A-Fwilipu 4:13)

πάντα ἰσχύω ἐν τῷ ἐνδυναμοῦντί με.

Je puis tout en Christ qui me fortifie

(Philippiens 4 verset 13)

I can do all things through Christ who strengthens me

(Philippians 4:13)

RESUMO

Mucuta, Carlos Santos. **A Ekklesia de Christos e as Tradições: Caminhos da decolonialidade religiosa à Luz do Evangelho escrito pelo Apóstolo Mateus capítulo 15, versículo 3.** (Doutorado em Teologia) – Faculdade Teológica Internacional das Assembleias de Deus, 2024.

Esta tese procura trazer o entendimento da intencionalidade das palavras do nosso Senhor Jesus Cristo em Mateus 15.3 que antevêm a concepção de Mateus 18.16 como uma perfeita cosmovisão salvífica da humanidade. É um estudo bibliográfico com base no texto sagrado lido em hebraico, grego, português, inglês, francês e chokwe e as obras da patrística e as de Flavo Josefo, considerando a experiência cristã do autor. A Igreja de Cristo nasce dentro do judaísmo como cumprimento efetivo das promessas de Deus a Abraão, em Génesis 12.3, facto que não foi compreendido do mesmo modo pelos judeus, resultando na rejeição do Messias. O Senhor Jesus Cristo rompendo os laços da velha aliança, propõe edificar a sua igreja sobre a “pedra” confessada por Simão Pedro, declarando que as portas do inferno, não prevaleceriam contra ela. Daí, nas linhas desta tese, questiona-se a observação dos ritos judaicos e o europeísmo na interpretação de alguns textos sobre o comportamento da igreja antevisionada por Cristo e a igreja presente no cotidiano da humanidade caída e carente da salvação do nosso Senhor Jesus Cristo. A metodologia de análise do discurso, guiou a hermenêutica das passagens discutidas, também intencionalmente, a utilização de métodos de análise decolonial com base nos eruditos da decolonialidade científica. Não se trata de uma teologia ortodoxa ou moderna, mas o entendimento que o autor tem das palavras do nosso Senhor Jesus na edificação da sua igreja. São aceites as discordâncias do leitor sem possibilidade de colocar em check as ideias autorais. A tese mostra com intencionalidade que Deus que salva pela fé os judeus, salva também pela fé todas as nações (Romanos 3.29-30), independentemente, da suas culturas, crenças, cor da pele, línguas e cosmovisões, rejeitando dessa forma, toda a cobertura de colonialidade, que, ao em vez de promover a liberdade com que Cristo salvou a sua igreja, morrendo por ela na cruz, mas promove a cultura de nações ditas civilizadas e endemoniza a das nações colonizadas, no caso, as africanas, que por fé, abraçam o cristianismo aceitando o convite do Senhor Jesus em Mateus 11.28.

Palavras-chave: Igreja; Tradições; Cristianismo; Colonialidade; Religião

ABSTRACT

Mucuta, Carlos Santos. The A Ekklesia de Christos e as Tradições: Caminhos da decolonialidade religiosa à Luz do Evangelho escrito pelo Apóstolo Mateus capítulo 15, versículo 3, 2026. (Doctorate in Theology) – International Theological College of the Assemblies of God, 2024.

This thesis seeks to understand the intentionality of the words of our Lord Jesus Christ in Matthew 15:3, which foreshadow the conception of Matthew 18:16 as a perfect salvific worldview for humanity. It is a bibliographical study based on the sacred text read in Hebrew, Greek, Portuguese, English, French, and Chokwe; the works of the Church Fathers and those of Flavius Josephus, considering the author's Christian experience. The Church of Christ is born within Judaism as the effective fulfillment of God's promises to Abraham in Genesis 12:3, a fact that was not understood in the same way by the Jews, resulting in the rejection of the Messiah. The Lord Jesus Christ, breaking the bonds of the old covenant, proposes to build his church upon the "rock" confessed by Simon Peter, declaring that the gates of hell would not prevail against it. Therefore, this thesis questions the observation of Jewish rites and Europeanism in the interpretation of certain texts concerning the behavior of the church as envisioned by Christ and the church present in the daily life of fallen humanity, in need of the salvation of our Lord Jesus Christ. The methodology of discourse analysis guided the hermeneutics of the passages discussed, also intentionally employing decolonial analysis methods based on the scholars of scientific decoloniality. This is not an orthodox or modern theology, but rather the author's understanding of the words of our Lord Jesus in the building of his church. The reader's disagreements are accepted without the possibility of challenging the author's ideas. This thesis intentionally demonstrates that God, who saves the Jews through faith, also saves all nations through faith (Romans 3:29-30), regardless of their cultures, beliefs, skin color, languages, and worldviews. It thus rejects all forms of colonialism that, instead of promoting the freedom with which Christ saved his church by dying for it on the cross, promote the culture of so-called civilized nations and demonize the culture of colonized nations—in this case, African nations—which, through faith, embrace Christianity, accepting the invitation of the Lord Jesus in Matthew 11:28.

Keywords: *Church of Christ; Traditions; Christianity; Coloniality; Religion*

RÉSUMÉ

Mucuta, Carlos Santos. L'Ekklesia de Christos et les Traditions : Chemins de la décolonialité religieuse à la Lumière de l'Évangile écrit par l'Apôtre Matthieu chapitre 15, verset 3. (Doctorat en Théologie) – Faculté Théologique Internationale des Assemblées de Dieu, 2024.

Cette thèse cherche à apporter la compréhension de l'intentionnalité des paroles de notre Seigneur Jésus-Christ en Matthieu 15.3 qui anticipent la conception de Matthieu 18.16 comme une vision parfaite du salut de l'humanité. Il s'agit d'une étude bibliographique basée sur le texte sacré lu en hébreu, grec, portugais, anglais, français et chokwe ainsi que sur les œuvres des Pères de l'Église et celles de Flavius Josèphe, en tenant compte de l'expérience chrétienne de l'auteur. L'Église du Christ naît au sein du judaïsme comme accomplissement effectif des promesses de Dieu à Abraham, en Genèse 12.3, fait qui n'a pas été compris de la même manière par les Juifs, entraînant le rejet du Messie. Le Seigneur Jésus-Christ rompant les liens de l'ancienne alliance, propose de construire son Église sur la « pierre » confessée par Simon Pierre, déclarant que les portes de l'enfer ne prévaudraient pas contre elle. Ainsi, dans les lignes de cette thèse, on s'interroge sur l'observation des rites juifs et l'euro-péisme dans l'interprétation de certains textes sur le comportement de l'Église annoncée par Le Christ et l'Église présents dans le quotidien de l'humanité déchue et en manque du salut de notre Seigneur Jésus-Christ. La méthodologie de l'analyse du discours a guidé l'herméneutique des passages discutés, ainsi que l'utilisation intentionnelle de méthodes d'analyse décoloniale basées sur les érudits de la décolonialité scientifique. Il ne s'agit pas d'une théologie orthodoxe ou moderne, mais de la compréhension que l'auteur a des paroles de notre Seigneur Jésus dans l'édification de son Église. Les désaccords du lecteur sont acceptés sans possibilité de remettre en question les idées de l'auteur. La thèse montre avec intention que Dieu, qui sauve par la foi les Juifs, sauve également par la foi toutes les nations (Romains 3,29-30), indépendamment de leurs cultures, croyances, couleur de peau, langues et cosmovisions, rejetant ainsi toute couverture de colonialité, qui, au lieu de promouvoir la liberté par laquelle le Christ a sauvé son Église, en mourant pour elle sur la croix, promeut plutôt la culture des nations dites civilisées et diabolise celle des nations colonisées, dans ce cas, les africaines, qui par la foi, embrassent le christianisme acceptant l'invitation du Seigneur Jésus en Matthieu 11.28.

Mots-clés : *Église; Traditions; Christianisme; Colonialité; Religion*

תקציר

פרק מתי השליח ידי על שנכתבה הבשורה לאור הדתית הקולוניאליזציה דרכי: והמסורות כריסטוס של הכנסייה. סנטוס קרלוס, מוקוטה 2024, האלוהים אספות של הבינלאומית התאולוגית הפקולטה – (בתאולוגיה דוקטורט) 3 פסוק, 15.

מתי של התפיסה את צופים אשר, 15:3 במתי המשיח ישוע אדוננו דברי של הכוונה של ההבנה את להביא מבקשת זו תזה ביוונית, בעברית שנקרא הקדוש הטקסט על המבוסס ביבליוגרפי מחקר זהו. האנושות של מושלמת ישוית עולם כראות 18:16 בחווייתו התחשבות תוך, יוסף פלאוויוס של ויצירותיו הפטריסטיקה יצירות ועל, וקווה'ובצ בצרפתית, באנגלית, בפורטוגזית שלא עובדה, 12:3 בבראשית לאברהם 'ה הבטחות של מעשי כמימוש היהדות בתוך נולדת המשיח כנסיית. המחבר של הנוצריית מציע, הישנה הברית קשרי את שבור, המשיח ישוע אדוננו. המשיח לדחיית שהוביל מה, היהודים ידי על האופן באותו הובנה זו, תזה בשורות, לפיכך. עליה יגברו לא השאול ששערי ומכריז, פטרוס שמעון ידי על המוכרת "האבן" על כנסייתו את לבנות של בזמן. הצפויה הכנסייה התנהגות על מהטקסטים חלק של בפרשנות והאירופאיזם היהודיים הטקסים שמירת שאלת נשאלת הדיבור ניתוח מתודולוגיית. המשיח ישו אדוננו של לישועה והזקוקה הנפולת האנושות של יום-היום בחיי הנוכחת והכנסייה ישו על בהתבסס דקולוניאליזציה ניתוח בשיטות השימוש, מכון באופן גם כמו, הנדונים הקטעים של ההרמנויטיקה את הנחתה אדוננו למילות למחבר שיש בהבנה אלא, מודרנית או אורתודוקסית בתיאולוגיה מדובר אין. מדעית דקולוניאליזציה של המלומדים שאלוהים בכוונה מראה התזה. המחבר של הרעיונות את לבדוק אפשרות ללא הקורא של הסכמות-אי נוהגות. כנסייתו בבניית ישו צבע, אמונותיהם, לתרבותם קשר ללא, (3:29-30 רומאים) באמונה הגויים כל את גם מושיע, באמונה היהודים את שמושיע את הציל ישו שבה החירות קידום שללא, הקולוניאליזציה כיסוי כל את זו בצורה ודוחה, העולם של ותפיסותיהם שפותיהם, עורם האומות את מכשיפה ו כציוויליזציה המוכרות האומות תרבות את מקדם אך, עבודה הצלב על מת כשהוא מת, כנסייתו 11.28 במתי ישו האדון של הזימון את ומקבלות הנצרות את מקבלות, שבאמונה, האפריקאיות, זה במקרה, הקולוניאליזציה

דת; קולוניאליזציה; נצרות; מסורות; כנסייה; מפתח מילות

ΠΕΡΙΛΗΨΗ

Mucuta, Carlos Santos. *Η Εκκλησία του Χριστού και οι Παραδόσεις: Δρόμοι της θρησκευτικής αποαποικιοποίησης υπό το Φως του Ευαγγελίου που γράφτηκε από τον Απόστολο Ματθαίο κεφάλαιο 15, στίχος 3.* (Διδακτορικό στη Θεολογία) – Διεθνής Θεολογική Σχολή των Συναθροίσεων του Θεού, 2024.

Αυτή η διατριβή επιδιώκει να φέρει την κατανόηση της προθετικότητας των λόγων του Κυρίου μας Ιησού Χριστού στο Κατά Ματθαίον 15:3, που προβλέπουν τη σύλληψη του Ματθαίου 18:16 ως μια τέλεια σωτηριολογική κοσμοθεώρηση της ανθρωπότητας. Πρόκειται για μια βιβλιογραφική μελέτη με βάση το ιερό κείμενο που διαβάζεται στα εβραϊκά, ελληνικά, πορτογαλικά, αγγλικά, γαλλικά και τσόκβε, καθώς και τα έργα της Πατερικής και του Φλάβιου Ιώσηπου, λαμβάνοντας υπόψη την χριστιανική εμπειρία του συγγραφέα. Η Εκκλησία του Χριστού γεννιέται μέσα στον ιουδαϊσμό ως η αποτελεσματική εκπλήρωση των υποσχέσεων του Θεού προς τον Αβραάμ, στο Γένεσις 12:3, γεγονός που δεν έγινε κατανοητό με τον ίδιο τρόπο από τους Εβραίους, οδηγώντας στην απόρριψη του Μεσσία. Ο Κύριος Ιησούς Χριστός, σπάζοντας τους δεσμούς της παλιάς διαθήκης, προτείνει να οικοδομήσει την εκκλησία Του πάνω στην «πέτρα» που ομολόγησε ο Σίμων Πέτρος, δηλώνοντας ότι οι πύλες του Άδη δεν θα επικρατήσουν εναντίον της. Από αυτές τις γραμμές της διατριβής, τίθεται υπό αμφισβήτηση η παρατήρηση των ιουδαϊκών τελετουργιών και ο ευρωπαϊσμός στην ερμηνεία ορισμένων κειμένων σχετικά με τη συμπεριφορά της εκκλησίας που προοραθεί από τον Χριστό. ... Ο Χριστός και η εκκλησία παρόντες στην καθημερινότητα της πτωχής και αναζητούσας σωτηρία ανθρωπότητας μέσω του Κυρίου μας Ιησού Χριστού. Η μεθοδολογία ανάλυσης λόγου καθοδήγησε την ερμηνεία των συζητηθέντων χωρίων, συμπεριλαμβανομένης σκοπίμα της χρήσης μεθόδων αποαποικιοκρατικής ανάλυσης βασισμένων στους μελετητές της επιστημονικής αποαποικιοκρατίας. Δεν πρόκειται για ορθόδοξη ή μοντέρνα θεολογία, αλλά για την κατανόηση που έχει ο συγγραφέας των λόγων του Κυρίου μας Ιησού στην οικοδόμηση της εκκλησίας Του. Γίνονται δεκτές οι διαφωνίες του αναγνώστη χωρίς τη δυνατότητα να αμφισβητηθούν οι ιδέες του συγγραφέα. Η διατριβή δείχνει με πρόθεση ότι ο Θεός που σώζει τους Ιουδαίους μέσω της πίστης, σώζει επίσης μέσω της πίστης όλα τα έθνη (Ρωμαίους 3.29-30), ανεξαρτήτως των πολιτισμών, πεποιθήσεων, χρώματος δέρματος, γλωσσών και κοσμοθεώρησής τους, απορρίπτοντας έτσι κάθε αποικιοκρατική κάλυψη, η οποία, αντί να προάγει την ελευθερία με την οποία ο Χριστός έσωσε την εκκλησία Του, πεθαίνοντας για αυτήν στο σταυρό, προάγει τον πολιτισμό των λεγόμενων πολιτισμένων εθνών και δαιμονίζει την των αποικιοκρατούμενων εθνών, στην περίπτωση αυτή, των αφρικανικών, που με πίστη αγκαλιάζουν τον χριστιανισμό αποδεχόμενα την πρόσκληση του Κυρίου Ιησού στο Ματθαίο 11.28.

Λέξεις-κλειδιά: Εκκλησία; Παραδόσεις; Χριστιανισμός; Αποικιοκρατία; Θρησκεία

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Quadro comparativo entre as tradições 1	27
Quadro 2: Características do Movimento Judaico Messiânico 1	37
Quadro 3: Algumas lideranças dos movimentos messiânicos históricos e atuais 1	39
Apêndice 1 - Quadro 4: Concílios Ecumênicos – Resumos e Principais Resoluções 1	61

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

a. C. – Antes de Cristo

A.T – Velho Testamento

ADP – Assembleia de Deus Pentecostal

AYB – Anchor Yale Bible

BECNT – Baker Exegetical Commentary on the New Testament

CIAB – Centro de Investigaciones y Altos Estudios Biblicos

CRUSP – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo

d.C – Depois de Cristo

FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo

FATAD – Faculdade Teológica da Assembleia de Deus Pentecostal

FATIAD – Faculdade Teológica Internacional das Assembleias de Deus

FE-USP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

IA – Inteligência Artificial

IEPE – Igreja Evangélica do Povo Escolhido

ISTSP – Instituto Superior de Teologia de São Paulo

N.T – Novo Testamento

NIGTC – New International Greek Testament Commentary

Pillar – The Pillar New Testament Commentary

UJH – Universidade Hebraica de Jerusalém

USP – Universidade de São Paulo

WBC – Word Biblical Commentary

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Objetivos e Metodologias.....	17
A relevância do tema.....	19
Eventos históricos que influenciaram o uso do termo ekklesia	20
Estrutura da Tese.....	21
CAPÍTULO I: A EKKLESIA DE CHRISTÓS E AS TRADIÇÕES	24
1. 1. As Tradições nas Escrituras Sagradas	24
1.1.1. Tradição dos anciãos em Mateus 15.1-3 e tradição dos antigos em Mc.7.5	24
1.1.2. As Tradições em Mateus 15 e Mc.7 versus as Práticas Culturais dos Povos Africanos e Indígenas.....	26
1.1.3. Compreender a tradição dos homens em Colossenses 2:8.....	27
1.1.4. Compreender as tradições dos pais em Gálatas 1.14	29
1.1.5. Conceituar a nossa tradição em 2Ts.3.6	30
1.1.6. Tradições ensinadas em 2Ts.2.15	32
1.2. As Tradições na História da Igreja.....	34
1.2.1. As Tradição Cristãs	34
1.2.2. Tradições e Culturas dos Povos não judeus	35
1.2.3. O Judaísmo Messiânico e as Tradições Judaicas	37
CAPÍTULO II: COLONIALIDADE RELIGIOSA: SUA AÇÃO ANTEGÓNICA COM O AMOR DE JESUS CRISTO NA CRUZ.....	42
2.1. Alguns deslizes de primeiros missionários cristãos diante das tradições dos povos colonizados	43
2.2. Nacionalidade de Deus, criador dos céus e da Terra: uma análise bíblico-teológica com notas exegéticas	45
2.3. Percepções da teoria da decolonialidade religiosa no cristianismo.....	48
CAPÍTULO III: O QUE IMPORTA	51
4.1. O Cristianismo relevante e inclusivo	51
4.2. A Teologia inclusiva e valorização de vozes marginalizadas na história do cristianismo	52
4.3. Alguns procedimentos que podem ajudar a igreja a viver a fé cristã sem conflitos com a ancestralidade da membresia.....	53
4.4. Deus não abomina as tradições africanas e não se identifica com nenhuma cultura	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS.....	61

INTRODUÇÃO

Esta tese contrapõe as interpretações teológicas eurocêntricas do evangelho de Jesus Cristo, abrindo espaço para uma **reinterpretação inclusiva** com vista a melhorar o comportamento de relações entre Εκκλησία (ekklesia) e as Αφρικανικές παραδόσεις και ιθαγενείς (Tradições Africanas e indígenas), assim como as εβραϊκές-χριστιανικές παραδόσεις (tradições judaico-cristãs), na convivência da igreja no mundo, enquanto portadora de καλές ειδήσεις του ευαγγελίου (boas novas do evangelho) para o mundo atual.

Considerando que o povo que frequenta e guarda os dogmas da ekklesia é o mesmo que possui a cultura e as tradições que devem ser preservadas, pois são a sua identidade, urge a necessidade de definir sucintamente estes dois termos (Igreja e Tradição).

A palavra “**ekklesia**” tem origem no grego antigo (Εκκλησία) e é composta por duas partes: “**ek**” (fora) e “**kaleo**” (chamar). Literalmente, significa “chamados para fora”. Na Grécia Antiga, o termo era usado para designar uma assembleia de cidadãos convocados para deliberar sobre assuntos públicos, especialmente nas cidades-estados democráticas.

O Senhor Jesus Cristo não foi a primeira pessoa a utilizar o termo **ekklesia**, no entanto, Ele deu um novo significado ao termo quando o utilizou no contexto cristão, quando empregou a palavra “ekklesia” para se referir à comunidade de crentes que seria formada em seu nome, marcando uma transição do uso secular do termo “ekklesia” para um uso espiritual e teológico, conforme se pode ler em Mateus 16.18:

Και σου λέω επίσης ότι είσαι ο Πέτρος, και πάνω σε αυτόν τον βράχο θα χτίσω την εκκλησία μου, και οι πύλες της κόλασης δεν θα την υπερσχύσουν. E também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (NVI...) (TRADUTORES, 2000, p. Mt.16.18).

Três interpretações históricas discutem Mt.16.18 sem consenso, a tradição católica, a tradição protestante e a perspectiva ortodoxa. A tradição católica entende que Pedro é a pedra sobre a qual Cristo edificou a igreja, portanto, Pedro é a sucessão apostólica, que resulta em o papado, neste caso, a igreja tem uma base institucional visível.

A Tradição Protestante desde muitos reformadores entende que a “pedra” não é Pedro em si, mas a confissão de fé de Pedro (reconhecer Jesus como Cristo, o Filho de Deus), portanto, a igreja está edificada sobre Cristo e a fé nele, não sobre Pedro (pessoa humana). Existe correntes protestantes que pensam que Pedro tem um papel importante, mas apenas como representante dos apóstolos e da igreja primitiva.

E, a Perspectiva Ortodoxa entende que a “pedra” é tanto Pedro quanto a sua fé, mas a igreja é colegiada, fundamentada em todos os apóstolos, tendo Cristo como pedra angular (Ef. 2:20).

Das três interpretações resulta o significado espiritual de que a Igreja pertence a Jesus Cristo que afirmou: “και πάνω σε αυτόν τον βράχο θα χτίσω την εκκλησία μου” “edificarei a minha igreja”. Ela não é de Pedro, nem de líderes humanos, mas de Jesus. Esta pesquisa procura desconstruir toda a colonialidade religiosa a volta das lindas palavras do Senhor Jesus sobre a ekklesia, que é o seu corpo, onde ele congrega todas as nações, todos os povos, todas as raças e todas as línguas.

A palavra **Tradição** vem do latim *traditio*, significa “entregar” ou “passar adiante”. Tradicionalmente, ocorre de forma oral, escrita ou por meio de rituais e celebrações. Uma tradição é como um fio invisível que conecta o passado ao presente — é a transmissão de costumes, crenças, práticas, valores e conhecimentos de geração em geração dentro de uma comunidade.

As Características principais de uma tradição são:

- Continuidade: mantém viva a identidade cultural de um grupo.
- Memória coletiva: preserva histórias, lendas, saberes e comportamentos.
- Pertencimento: reforça o vínculo entre os membros de uma comunidade.
- Resistência simbólica: em tempos de mudança, a tradição oferece estabilidade e raízes.

Existe vários exemplos de tradições, desde as tradições religiosas, familiares, culturais, sociais etc., nesta pesquisa descaremos sobre as tradições africanas e indígenas e as tradições judaico-cristãs, que numa ou outra forma, e apesar de parecerem como algo fixo, mas não são imutáveis, pois podem se adaptar ao tempo, ganhando novas formas sem perder as suas essências.

Objetivos e Metodologias

A necessidade de uma reinterpretação inclusiva do ensino das Escrituras Sagradas se torna importante e necessária, porque os pais da igreja, a teologia patrística, os teólogos de todas as épocas, todos os estudiosos devotos das Escrituras e líderes históricos e atuais que estabelecem os dogmas doutrinários eclesiais nunca foram pessoas perfeitas e sem erros, mas vasos humanos que Deus se usa para continuidade da sua obra na Terra.

Estabelece-se o seguinte **objetivo geral**: Compreender que Deus Todo Poderoso é o Criador da diversidade cultural e ama todas as pessoas em Cristo, sua imagem visível. E para o esmiuçar das intenções desta busca tem-se os seguintes

Objetivos específicos:

- 1) Entender a tradição dos anciãos em Mateus 15.1-3 e tradição dos antigos em Mc.7.5;
- 2) Compreender a tradição dos homens em Colossenses 2:8;
- 3) Compreender as tradições dos pais em Gálatas 1.14.
- 4) Conceituar a nossa tradição em 2Ts.3.6 e tradições ensinadas em 2Ts.2,15.
- 5) Compreender o evangelho e a tradição como influência na comunidade

Considerando que as pesquisas em teologia abarcam uma grande diversidade de metodologias, para além da **metodologia de Estudo de Genealogia e crítica histórica** aqui assumida como a principal, porque inspira-se na crítica da colonialidade e examina como o poder molda discursos teológicos, serão também utilizadas essencialmente as seguintes metodologias:

- Exegese bíblica: análise crítica dos textos originais (hebraico, aramaico, grego), levando em conta seu contexto histórico, cultural e literário.
- Hermenêutica bíblica: interpretação dos textos sagrados em diálogo com contextos atuais (hermenêutica filosófica, libertadora, feminista, decolonial etc.).
- Análise histórico-crítica: busca compreender a origem, a autoria, a datação e a redação dos textos.
- Estudo da História da Igreja: estudo das tradições, concílios, dogmas, movimentos eclesiais e figuras religiosas ao longo do tempo.
- Análise de História das ideias teológicas: análise de como doutrinas e conceitos se desenvolveram em diferentes épocas e contextos culturais.
- Teologia prática: análise de liturgias, homilias, catequese, ação pastoral e comunitária.
- Estudos de caso: análise de comunidades de fé, experiências religiosas ou práticas de espiritualidade.
- Pesquisa-ação: o pesquisador-teólogo atua junto à comunidade, buscando transformação social e espiritual; etc.

A escolha da metodologia de genealogia e a crítica histórica como a metodologia principal desta pesquisa, é proposital considerando que só ela pode contrapor o racismo e a colonialidade religioso, que influenciam a interpretação colonial das Escrituras, promovendo a hierarquização de cultura e de povos.

A relevância do tema.

A relevância desta pesquisa reside em seu caráter profundo e multifacetado, abrangendo dimensões acadêmicas, sociais, culturais, teológicas e de fé. Ela promove o diálogo crítico entre a tradição cristã e o pensamento decolonial, questionando estruturas históricas e culturais que sustentam leituras eurocêntricas no cristianismo, confrontando-as e abrindo espaço para reinterpretações que acolham a pluralidade de perspectivas.

As perspectivas necessárias para uma reinterpretação teológica comportamental entre o cristianismo e as tradições africanas e/ou cristãs, compreendem: a Crítica ao Eurocentrismo Teológico, o Reconhecimento de Diversidades Contextuais, a Resignificação da Tradição e a Teologia como Transformação:

- a) Crítica ao Eurocentrismo Teológico: a tradição cristã, especialmente na Europa, foi moldada por interpretações teológicas influenciadas pelo colonialismo europeu. Isso resultou em práticas e doutrinas que frequentemente marginalizaram culturas e saberes africanos e indígenas colonizados. E, o pensamento decolonial expõe essas heranças coloniais e convida à desconstrução de hierarquias de poder, devolvendo protagonismo às comunidades que foram subalternizadas.
- b) Reconhecimento de Diversidades Contextuais: a teologia decolonial reconhece que o cristianismo foi vivenciado e reinterpretado de formas distintas ao redor do mundo. Assim, questiona a ideia de uma única narrativa “universal”, mostrando que as tradições africanas têm valor teológico próprio. Nesse processo, rituais, símbolos e práticas culturais são ressignificados, oferecendo novas perspectivas para a compreensão da Ekklesia de Christos.
- c) Resignificação da Tradição cristã e Tradições africanas: ao invés de rejeitar a tradição cristã e as tradições africanas, o diálogo com o pensamento decolonial propõe uma ressignificação. Isso implica revisitar o entendimento de muitos textos sagrados, doutrinas e práticas cristãs, a partir de lentes mais inclusivas, contextuais e decoloniais. Por exemplo, as narrativas de libertação e justiça presentes na Bíblia, podem ser reinterpretadas como fontes de resistência ao colonialismo e à opressão. Texto como o Êxodo, que conta a libertação dos israelitas da escravidão no Egito, tem servido de inspiração para movimentos sociais e lutas por liberdade durante a história humana. Outros exemplos de ressignificação de interpretação, são os feitos durante o período de colonização nas Américas, onde muitos grupos oprimidos, incluindo populações indígenas e afrodescendentes escravizadas, reinterpretaram passagens bíblicas como símbolos de esperança e resistência. O movimento abolicionista e, mais tarde,

movimentos pelos direitos civis encontraram na Bíblia um poderoso recurso para desafiar a injustiça.

Os movimentos panafricanistas para as independências em África, são outros exemplos dessa reinterpretação. Também se pode dizer que a teologia da libertação, desenvolvida em grande parte na América Latina, é um exemplo moderno dessa reinterpretação. Ela enfatiza que a mensagem cristã central está ao lado dos pobres e oprimidos, desafiando sistemas de desigualdade.

- d) Teologia como Transformação: o diálogo entre esses campos não se limita a uma crítica passiva; ele inspira ações transformadoras nas comunidades cristãs. Isso inclui a promoção de justiça social, a valorização de vozes marginalizadas e a construção de espaços de fé verdadeiramente inclusivos.

Esse tipo de interação entre tradição e decolonialidade não apenas questiona as bases históricas, mas também aponta caminhos para um cristianismo mais vibrante e relevante no mundo contemporâneo.

Eventos históricos que influenciaram o uso do termo ekklesia

O uso do termo ekklesia foi moldado por diversos eventos históricos e contextos culturais, mas principalmente, a democracia ateniense, o cristianismo primitivo, a expansão do cristianismo e a conversão do imperador romano Constantino ao cristianismo:

1. Democracia Ateniense: Na Grécia Antiga, a ekklesia era uma assembleia de cidadãos convocada para deliberar sobre questões públicas. Esse conceito de participação coletiva influenciou a ideia de comunidade no Cristianismo primitivo.
2. Cristianismo Primitivo: No século I d.C., os apóstolos e seguidores de Jesus começaram a usar o termo ekklesia para descrever as comunidades de fiéis. Essas reuniões eram fundamentais para a disseminação do evangelho e o fortalecimento da fé.
3. Expansão do Cristianismo: À medida que o Cristianismo se espalhava pelo Império Romano, o termo ekklesia passou a ser associado a uma organização mais estruturada, refletindo a necessidade de coordenação entre as comunidades cristãs.
4. Conversão de Constantino: No século IV, o imperador romano Constantino adotou o Cristianismo como religião oficial do Império Romano. Isso consolidou o uso de ekklesia como uma instituição religiosa formal.

Em contraste com o mundo greco-romano, onde o termo “ekklesia” era a assembleia cívica da pólis e a religião estava entrelaçada ao Estado e ao império, hoje, o termo “Igreja”

hoje pode significar coisas diferentes (o templo, a instituição, a comunidade local, ou o povo de Deus) e tem os seguintes pressupostos:

É uma comunidade de fé voluntária, não assembleia política obrigatória: reúne pessoas por convicção religiosa, não por cidadania ou dever cívico. É transnacional e plural: católica, ortodoxa, protestante, evangélica, pentecostal etc., espalhada globalmente, com grande diversidade cultural e teológica. Ela é distinta do Estado (na maioria dos países): atua como parte da sociedade civil; quando há “igreja-Estado”, isso é exceção e alvo de debate.

A igreja é mais que um templo: é gente + práticas (fé, sacramentos/ordenanças, ensino, cuidado mútuo, missão), não apenas um edifício sagrado. Também é um agente social: educação, saúde, assistência, defesa de direitos, mediação de conflitos, resposta a crises — funções que no mundo antigo eram do clã, da cidade ou do patrono e no espaço de sentido e ética: oferece narrativa de vida, pertença, virtudes e uma voz profética que pode criticar idolatrias modernas (poder, consumo, racismo etc.).

E, na modernidade a igreja é também digital e em rede: cultos on-line, discipulado à distância, presença em mídia — algo inexistente na Antiguidade.

Ao mesmo tempo, que a igreja enfrenta **tensões contemporâneas**: secularização e pluralismo, disputas políticas, “mercado religioso”, escândalos e a necessidade de transparência e cuidado com vítimas; além de desafios éticos (pobreza, meio ambiente, migrações, tecnologia), ela busca seguir a Cristo, servir ao próximo e testemunhar no mundo, geralmente independente do Estado, mas engajada na vida pública com e para pessoas que têm tradições, identidades, fé e pretensões exigindo da igreja uma transição e reconstrução de concepções. Essa transição de significado reflete a importância da comunhão e da participação ativa na prática cristã, mantendo a essência de uma assembleia unida por um propósito comum.

Estrutura da Tese.

As linhas de pesquisa desta tese têm a seguinte estrutura esquemática: Capítulo I: A Ekklesia de Christós (A Igreja de Jesus Cristo): neste capítulo para além de definir e conceituar **ἐκκλησία** (Igreja), procura-se entender o seu comportamento como portadora da mensagem de boas novas para a humanidade. Capítulo II: As Tradições: Conceituar o termo *Παράδοση του λαού* (tradição do povo) e *πολιτισμός του λαού* (cultura do povo), com vista a analisar se cultura e tradição são coisas distintas ou a mesma coisa. No capítulo III: Colonialidade Religiosa: Sua ação antagônica com o Amor de Jesus Cristo na Cruz. Neste ponto, se faz uso dos pressupostos da decolonialidade com vista a separar o evangelho do colonialismo eurocêntrico. E no capítulo

IV se demonstra a verdadeira essência do cristianismo e a cultura do povo chamado a guardar os preceitos do evangelho sem estrangeirar-se na sua própria cultura.

A pesquisa propõe-se a analisar criticamente as relações entre civilização europeia, evangelho de Cristo, ancestralidade e colonização, com vista a desarticular leituras eurocêntricas da fé cristã. Inspirada na visão neotestamentária de uma comunidade formada por diversos povos e línguas, busca-se evidenciar que o Deus verdadeiro não se circunscreve a uma única tradição cultural, mas se revela na pluralidade histórica das experiências humanas. Desse modo, pretende-se contribuir para a construção de uma abordagem teológica que reconheça e integre a diversidade cultural como dimensão constitutiva da vivência cristã.

A distinção entre civilização europeia e evangelho constitui um ponto de partida decisivo. Enquanto a civilização europeia se configura como um constructo histórico-cultural situado, o evangelho apresenta-se como mensagem de pretensão universal, não circunscrita a uma matriz cultural específica.

A sobreposição entre ambos, historicamente produzida em contextos de expansão cristã, contribuiu para a naturalização de padrões europeus como norma de fé e de adoração, obscurecendo o caráter pluriversal da experiência cristã e a possibilidade de múltiplas mediações culturais no encontro com Deus.

Nesse horizonte, a colonização emerge como processo estruturante dessa identificação, ao articular dominação política, imposição cultural e difusão religiosa. Tal dinâmica resultou, em muitos contextos, na marginalização de sistemas locais de sentido, particularmente das concepções africanas de ancestralidade, frequentemente deslegitimadas no interior do discurso cristão.

Contudo, a ancestralidade, enquanto princípio de memória, identidade e pertença comunitária, não se reduz a práticas religiosas incompatíveis com o evangelho, podendo antes constituir um locus hermenêutico relevante para a sua reinterpretação. Assim, a questão da adoração ao Deus verdadeiro desloca-se do plano da conformidade cultural para o da coerência ética e espiritual, abrindo espaço para expressões enraizadas em diferentes povos e línguas.

Desde do jardim do Eden, o homem viola a lei de Deus, daí, a crítica formulada em Evangelho de Mateus 15:3, segundo a qual tradições humanas podem conduzir à transgressão do mandamento de Deus, insere-se em uma tradição bíblica mais ampla que denuncia a tendência humana de subordinar a vontade divina a interesses próprios. Essa problemática é reiterada em Evangelho de Marcos 7:8–9, onde se explicita a invalidação do mandamento divino em favor de práticas tradicionalmente estabelecidas, evidenciando um deslocamento da autoridade de Deus para construções humanas.

Tal crítica não se restringe ao Novo Testamento, encontrando raízes profundas na tradição profética. Em Livro de Isaías 29:13, denuncia-se uma religiosidade meramente formal, na qual a exterioridade do culto não corresponde à disposição interior. De modo semelhante, Livro de Jeremias 7:8–10 expõe a confiança em discursos religiosos que mascaram práticas injustas, enquanto Livro de Ezequiel 33:31 evidencia a dissociação entre a escuta da palavra divina e a adesão efetiva a ela, em razão de interesses pessoais. Esses textos revelam um padrão recorrente: a instrumentalização da religião como meio de legitimação de comportamentos contrários à ética divina.

No âmbito das epístolas, essa mesma dinâmica é interpretada como expressão do autoengano humano. Em Epístola aos Romanos 1:21–22, a recusa em reconhecer plenamente a Deus conduz à corrupção do entendimento, enquanto Epístola de Tiago 1:22 adverte contra a dissociação entre ouvir e praticar a palavra. Por sua vez, Livro de 1 Samuel 15:22 reafirma a primazia da obediência sobre práticas rituais, consolidando a ideia de que a verdadeira fidelidade a Deus não reside em formalismos, mas na conformidade ética da vida.

Em conjunto, esses testemunhos sustentam a tese de que a violação dos mandamentos divinos, frequentemente motivada por interesses humanos egoístas, constitui uma constante na experiência religiosa humana, exigindo uma abordagem crítica que distinga entre a vontade de Deus e as construções culturais e tradicionais que a podem obscurecer.

Tal interesse egoísta humana é discutida nas linhas a seguir considerando a obra expiatória da cruz, que o evangelho salvífico do nosso Senhor Jesus Cristo proporciona a todo aquele que crê, independentemente, da sua cor, etnia, língua, povo, cultura, nacionalidade etc. São traçadas as linhas de reinterpretação dos dogmas na historicidade do cristianismo, enquanto, portador da semente do evangelho para salvação universal.

CAPÍTULO I: A EKKLESIA DE CHRISTÓS E AS TRADIÇÕES

1. 1. As Tradições nas Escrituras Sagradas

1.1.1. Tradição dos anciãos em Mateus 15.1-3 e tradição dos antigos em Mc.7.5

1 Τότε προσέρχονται τῷ Ἰησοῦ ἀπὸ Ἱεροσολύμων Φαρισαῖοι καὶ γραμματεῖς λέγοντες 2 Διὰ τί οἱ μαθηταὶ σου παραβαίνουσιν τὴν παράδοσιν τῶν πρεσβυτέρων οὐ γὰρ νίπτονται τὰς χεῖρας <αὐτῶν> ὅταν ἄρτον ἐσθίωσιν 3 Ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν αὐτοῖς Διὰ τί καὶ ὑμεῖς παραβαίνετε τὴν ἐντολὴν τοῦ Θεοῦ διὰ τὴν παράδοσιν ὑμῶν

ENTÃO chegaram ao pé de Jesus uns escribas e fariseus de Jerusalém, dizendo: Por que transgredem os teus discípulos a tradição dos anciãos? pois não lavam as mãos quando comem pão. Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Por que transgredis vós, também, o mandamento de Deus pela vossa tradição? (OLIVEIRA, 2010).

Muitos eruditos bíblicos interpretam o episódio de Mateus 15.1-3 e Mc.7.5 sob alguns muitos eixos dos quais podemos destacar estes principais:

1. Natureza das “tradições dos anciãos”: Referem-se ao corpo oral de interpretações e regras rabínicas que mais tarde comporiam a *Mishná* e o *Talmude*. Eram entendidas como um “cercado” em torno da Lei de Moisés, criadas para evitar a quebra da Lei e garantir a pureza ritual. E, a expressão aponta para práticas extrabíblicas, não diretamente prescritas na Torá, mas que se tornaram normativas no judaísmo farisaico.

2. Conflito entre Lei divina e tradição humana: Muitos comentadores (por ex. João Crisóstomo, Agostinho e Calvino) entendem que Jesus não está condenando toda tradição, mas aquelas que substituem ou anulam a Palavra de Deus. Exemplo citado no próprio contexto (Mateus 15.4-6): a prática de declarar bens como “corbã” (oferta ao templo) para se isentar de ajudar os pais, quebrando o mandamento de honrá-los.

3. A crítica profética de Jesus: Eruditos veem aqui um eco dos profetas (Isaías 29.13, que o próprio Jesus cita), denunciando um culto de lábios, sem coração. O problema não era a lavagem de mãos em si, mas a elevação de tradições humanas ao nível de mandamentos divinos.

4. Debate hermenêutico: Alguns estudiosos (p. ex. Joachim Jeremias e Craig Keener) destacam que Jesus questiona quem tem autoridade para interpretar a Lei: se os anciãos ou o próprio Deus. Outros (como E. P. Sanders) inserem o episódio na crítica de Jesus contra o legalismo farisaico, que podia transformar práticas devocionais em fardos sociais.

5. Implicações teológicas: Para a tradição protestante, esse texto é frequentemente usado como argumento contra tradições eclesiais que obscurecem as Escrituras. Já intérpretes católicos e ortodoxos distinguem entre tradição viva que transmite a fé e “tradições

humanas” que deturpam a Palavra. No campo judaico, os eruditos notam que Jesus não rejeita a Lei, mas questiona a interpretação dos fariseus.

Dos 5 eixos tem-se que os eruditos entendem que a “tradição dos anciãos” em Mateus 15.1-3 são regras orais farisaicas, e que o ensino do Senhor Jesus coloca em confronto a autoridade da Palavra de Deus com tradições humanas que, mesmo bem-intencionadas, podem desviar o coração do verdadeiro mandamento divino. São Tradições religiosas que legitimam a exclusão (como o racismo, o patriarcalismo ou o elitismo). Também são os Sistemas de poder que se disfarçam de espiritualidade, mas que oprimem os pobres e marginalizados.

A palavra “tradição” é usada hoje de formas diferentes dentro da igreja, entre os católicos, ortodoxos e evangélicos, pois há uma distinção entre tradição viva (que ajuda a manter a fé) e tradições humanas (que podem mudar ou até distorcer a fé).

1. Na Igreja Católica: Tradição (com “T” maiúsculo): é entendida como a transmissão viva da fé, junto com a Escritura e o Magistério. Exemplo: o Credo Apostólico, a Liturgia (missas, sacramentos), os Concílios Ecumênicos (como Niceia, Trento, Vaticano II). Também inclui práticas antigas como o sinal da cruz, a oração pelos mortos, a veneração dos santos. Distinguem entre Tradição (vinculada ao depósito da fé) e tradições humanas (costumes devocionais locais, que podem mudar).

2. Na Igreja Ortodoxa: A Tradição é chamada de Santa Tradição (*Parádoxis*). É vista como a vida contínua do Espírito Santo na Igreja, incluindo Escritura, liturgia, ícones, escritos dos Padres, concílios. Exemplo: a Divina Liturgia de São João Crisóstomo, o uso de ícones nas orações, o jejum quaresmal.

3. Nas Igrejas Protestantes evangélicas: A Reforma (século XVI) reagiu contra tradições que julgava ter obscurecido a Escritura. Muitos protestantes falam em “sola Scriptura” (somente a Escritura), mas ainda mantêm tradições menores (não no mesmo nível da Bíblia). Exemplo: hinos congregacionais, escola dominical, culto dominical às 10h, Natal e Páscoa celebrados no calendário ocidental. Reformados e luteranos reconhecem o valor dos Credos históricos (Apostólico, Niceiano) como parte de uma tradição útil, mas subordinada à Escritura.

4. Tradições locais e culturais: Mesmo dentro de uma mesma igreja, existem tradições herdadas de comunidades: No Brasil, procissões da Semana Santa (católicos). O coco de roda, cânticos e danças incorporados no culto em igrejas afro-cristãs. Uso de instrumentos musicais específicos em algumas denominações (como órgão, guitarra elétrica ou atabaque).

1.1.2. As Tradições em Mateus 15 e Mc.7 versus as Práticas Culturais dos Povos Africanos e Indígenas

1. As “tradições” em Mateus 15.1-3 e Mc.7.5: Em Mateus 15.1-3, Jesus confronta os fariseus e escribas sobre a “tradição dos anciãos”: práticas orais e rituais (como lavar as mãos antes de comer) que não estavam prescritas diretamente na Torá, mas se tornaram obrigatórias. A crítica de Jesus não é contra a existência de tradições em si, mas contra aquelas que substituem ou anulam a Palavra de Deus e transformam a fé em ritualismo vazio. Ele denuncia um tipo de tradição que serve para manter poder religioso e exclusão, em vez de alimentar vida e justiça.

2. Leitura decolonial - Tradição como disputa de autoridade: No colonialismo, houve uma imposição de práticas culturais europeias que se tornaram a “tradição oficial”, ao mesmo tempo que se deslegitimaram e demonizaram as tradições africanas e indígenas, chamadas de “pagãs”, “selvagens” ou “supersticiosas”. Algo parecido acontece no conflito de Mateus 15: quem define o que é tradição legítima? Os anciãos fariseus? Ou a Palavra de Deus, que está viva e encarnada? Teólogos da libertação e pensadores decoloniais (como Enrique Dussel, Nilma Lino Gomes) lembram que a luta pelo reconhecimento das tradições locais é também uma luta contra o epistemicídio (morte dos saberes).

3. Pontes com práticas culturais africanas e indígenas: Assim como no tempo de Jesus, as tradições africanas e indígenas não eram apenas costumes, mas continham saberes, espiritualidade, pedagogia, ética comunitária. Exemplos: Africanos: ritos de passagem, uso do tambor, narrativas orais, etnomatemática dos chokwe (lusona), curas tradicionais. Indígenas: danças circulares, pajelança, cosmovisões ligadas à terra, técnicas de agricultura sustentável. Quando missionários e colonizadores europeus chegaram, muitas dessas tradições foram vistas como “impurezas” (como a lavagem de mãos pelos fariseus em Mateus 15). Mas, diferentemente das tradições criticadas por Jesus, essas práticas não anulavam a vida nem a ética, ao contrário, preservavam a vida comunitária e a relação com a natureza.

Resumindo:

Em Mateus 15 e Marcos 7, Jesus critica tradições que oprimem e distorcem o mandamento divino. Nas práticas africanas e indígenas, o colonialismo as tratou como se fossem “tradições dos anciãos” ilegítimas, quando, na verdade, elas eram expressões autênticas de vida, memória e espiritualidade. A comparação nos ajuda a ver que nem toda tradição é negativa: a pergunta central é se ela gera vida, justiça e comunhão, ou se oprime e anula a dignidade humana.

Em Mateus 15 e Marcos 7, Jesus critica a “tradição dos anciãos” que, ao invés de aprofundar a fé, acabava por anular o mandamento divino em favor de regras humanas. Tal tensão pode ser lida em chave decolonial quando observamos o processo histórico de colonização, no qual as tradições africanas e indígenas foram igualmente deslegitimadas e classificadas como superstição ou paganismo, enquanto as tradições europeias foram impostas como normativas.

A comparação permite perceber que não é a tradição em si que é condenada, mas aquelas práticas que servem à opressão, ao controle e ao silenciamento de outras formas de vida e espiritualidade. Nesse sentido, as tradições culturais africanas (como os *lusona chokwe*, a oralidade e os ritos de passagem) e indígenas (como as danças circulares, o cultivo comunitário e as práticas xamânicas) revelam-se expressões de resistência e de cuidado com a vida, mais próximas da lógica de justiça e comunhão defendida por Jesus do que das tradições legalistas denunciadas em Mateus 15 e Marcos 7.

Quadro 1: Quadro comparativo entre as tradições 1

Categoria	Tradições dos Anciãos (Mateus 15)	Tradições Coloniais Imposições	Tradições Africanas e Indígenas
Origem	Interpretações rabínicas orais (Mishná)	Costumes e normas europeias impostas pelo colonialismo	Práticas ancestrais locais (África e América)
Finalidade declarada	Proteger a Lei e garantir pureza	“Civilizar” e “converter” povos colonizados	Preservar vida, memória, espiritualidade e identidade
Efeito real	Substituíam a Palavra de Deus por rituais formais	Deslegitimação e apagamento das culturas locais	Fortalecimento comunitário e vínculo com a natureza
Crítica de Jesus / leitura decolonial	Tornavam-se opressoras e hipócritas	Produziam epistemicídio e opressão cultural	Podem ser vistas como formas de resistência e cuidado com a vida

Fonte: Elaboração do autor

1.1.3. Compreender a tradição dos homens em Colossenses 2:8

Muitos eruditos e teólogos interpretam Colossenses 2:8 como tratando-se de uma advertência contra filosofias enganosas (nada a ver com a cultura e saberes dos povos africanos e indígenas). Paulo não condena toda filosofia, mas sim aquela que se opõe à verdade revelada em Cristo. Ele se refere a sistemas de pensamento que parecem profundos, mas são vazios e enganosos, especialmente os que estavam surgindo em Colossos, como o gnosticismo nascente.

Também os eruditos ao relacionarem a tradição dos homens e a revelação divina, observam que a “tradição dos homens” são os ensinamentos transmitidos culturalmente ou religiosamente, mas que não têm base na revelação divina. Os eruditos como Jamieson, Fausset e Brown¹ apontam que essas tradições eram rabínicas ou místicas, e que tentavam substituir a suficiência de Cristo.

Entendem ainda os eruditos que os elementos do mundo em Colossenses 2:8, podem ser referências às práticas religiosas externas, como rituais e ascetismo, que eram comuns tanto no judaísmo quanto no paganismo. (Neander, 1852), por exemplo, as interpreta como “coisas terrenas, carnis e externas” que desviam o foco da espiritualidade centrada em Cristo.

Entre outro, os teólogos da libertação lendo a Bíblia a partir da experiência dos pobres, dos marginalizados e dos oprimidos interpretam os versículos sobre “tradição dos homens” como crítica religiosa — eles os leem como denúncia de estruturas sociais e políticas que perpetuam injustiça. Esse versículo é também interpretado como uma crítica à fé que se expressa apenas em rituais, mas não transforma a realidade, o que para a teologia da libertação, é típico de igrejas que falam de salvação, mas ignoram a fome, o racismo, a violência policial, o desemprego das pessoas que elas pregam o evangelho.

Concluimos o pensamento de colossenses 2.8 aceitando que as tradições dos homens aqui se referem aos ensinamentos, as práticas ou as filosofias que se originam da sabedoria humana, não da revelação divina. Paulo está criticando sistemas de pensamento que parecem profundos ou espirituais, mas que não têm base em Cristo, incluindo: Filosofias gregas que exaltavam o intelecto acima da fé; Práticas religiosas judaicas que se tornaram legalistas e ritualistas e os elementos do gnosticismo, que misturavam espiritualidade com misticismo e desprezo pelo corpo.

Observa-se que Paulo adverte contra as tais tradições humanas, porque essas tradições podem desviar os cristãos da verdade do evangelho; elas podem parecer sábias, mas são “vãs sutilezas” — ou seja, enganos refinados que não têm substância espiritual e Paulo quer que os crentes estejam enraizados em Cristo, não em sistemas humanos que prometem sabedoria, mas não levam à salvação.

¹ Robert Jamieson, Andrew Robert Fausset e David Brown: autores da obra, Comentário Crítico e Explicativo de Toda a Bíblia (Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible), 1871, onde combinam a crítica textual, interpretação teológica e aplicação prática. Escrito com o objetivo de tornar a Bíblia compreensível para leigos, pastores e estudiosos, sem perder profundidade.

Pelo que, a aplicação prática de colossenses 2.8, hoje, pode se aplicar a ideologias modernas, espiritualidades alternativas ou até tradições religiosas que colocam regras acima da graça. E, o chamado é para discernimento: filtrar tudo pelo que é “segundo Cristo”.

1.1.4. Compreender as tradições dos pais em Gálatas 1.14

καί προέκοπτον ἐν τῷ Ἰουδαϊσμῷ, ὑπὲρ πολλοὺς συνηλικιώτας ἐν τῷ γένει μου, περισσοτέρως ζηλωτῆς ὑπαρχῶν τῶν πατρικῶν μου παραδόσεων.

E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais (NT, Grego - Gl.1.14).

Tradições dos pais” em Gálatas 1.14 designa, as tradições farisaicas e costumes ancestrais judaicas que moldaram o zelo pré-cristão de Paulo. O autor menciona isso para contrastar tradição humana e revelação do Cristo, legitimando sua missão e o conteúdo do evangelho que anuncia.

Existe um consenso básico (ponto de partida) entre pensadores, que a expressão tradições dos pais em Gálatas, indica as tradições farisaicas e costumes ancestrais transmitidos oralmente (Lei oral/halacá e práticas populares) — aquilo que, mais tarde, seria codificado em Mishná, Midraxim e Targumim. Flávio Josefo, historiador do 1º Século, descreve os fariseus como quem transmitem “observâncias recebidas de seus pais, não escritas na Lei de Moisés. Tais práticas não são as tradições e o modo de vida cultural de povos africanos vitimizados pela leitura eurocêntrica do evangelho do Novo Testamento.

Muitos comentadores posicionaram-se de seguintes modos:

Douglas J. Moo. Enfatiza que Paulo sublinha sua formação farisaica e zelo por tais tradições para contrastar seu passado com a revelação do evangelho (Gl 1.12–16).

James D. G. Dunn. Dentro da “nova perspectiva”, Dunn realça que o zelo (Gl 1.14) mira sobretudo marcadores de identidade (costumes ancestrais que definiam as fronteiras do povo), não mero “legalismo” abstrato — daí “tradições dos pais” como práticas que preservavam a identidade.

Richard N. Longenecker (WBC). Lê “tradições dos pais” como Lei oral farisaica + costumes pátrios, e nota que Ἰουδαϊσμός (1.13–14) designa o modo de vida judaico que moldou o zelo de Paulo — pano de fundo para o contraste com a revelação do evangelho (1.12, 15–16).

J. Louis Martyn (AYB). Dentro de sua leitura mais apocalíptica, as “tradições” representam o humano (tradição humana) em tensão com a revelação do Filho; o passado de Paulo serve à tese de que o evangelho não é produto de tradição.

Hans Dieter Betz (Hermeneia). Situa Gálatas 1.13–14 na narratio retórica: Paulo contrasta seu avanço no Ἰουδαϊσμός e zelo pelas tradições com a origem não-tradicional do evangelho (recebido por revelação, não por tradição humana).

Importa considerar alguns pontos linguísticos mencionados em Gálatas 1.14: παραδόσεις τῶν πατέρων = “tradições dos pais/anciões”; *parádosis* = “transmissão, tradição (especialmente, lei tradicional judaica)”. E, Ἰουδαϊσμός, termo raro no NT (só em Gl 1.13–14), denotando o judaísmo como prática/identidade.

1.1.5. Conceituar a nossa tradição em 2Ts.3.6

Σας παρακαλούμε, ἀδελφοί, στο ὄνομα του Κυρίου μας Ἰησοῦ Χριστοῦ, να απομακρύνεστε ἀπό κάθε ἀδελφό που περπατά ἀτακτά και ὄχι σύμφωνα με την παράδοση που ἔλαβε ἀπό εμάς.
Mandamo-vos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebeu (NT, Grego 2 Tess.3.6).

Muitos eruditos do Novo Testamento entendem que em 2Ts 3.6, Paulo manda “afastar-se de todo irmão que vive desordenadamente e não segundo a tradição (παράδοσις, *parádosis*) que de nós recebeu”, sendo que em sentido básico (lexical): παράδοσις, *parádosis* “Parádosis” significa “o que foi transmitido/entregado”, que em Paulo, pode ser tanto oral quanto escrito. Não é “costume humano” genérico, mas ensino autorizado que a comunidade recebeu dos apóstolos.

Escopo imediato (alvo imediato) de 2Ts.3, segundo os comentários como Malherbe (AYB), Wanamaker (NIGTC), Green (Pillar), Weima (BECNT) pressupõe que, no contexto, a “tradição” inclui: o padrão de vida exemplificado por Paulo e sua equipe (vv.7–9: trabalhar, não viver na ociosidade); a instrução prática já dada à igreja (vv.10–12: “se alguém não quer trabalhar, também não coma”); e a disciplina comunitária contra o comportamento “desordenado” (*ataktōs*), provavelmente ligado a expectativas apocalípticas distorcidas e à ociosidade.

Observa-se também que a maioria dos exegetas liga 3.6 a 2.15 (“mantenham as tradições que lhes foram ensinadas, de viva voz e por carta”). Portanto, a “tradição” é: **oral** (catequese e instrução quando Paulo esteve em Tessalônica) ou **escrita** (as próprias cartas). Em 3.6, Paulo está exigindo conformidade a esse pacote apostólico já recebido.

Quanto a Dimensão ética e eclesial de 2 Tess. 3.6, os exegetas salientam que “tradição” não é só conteúdo doutrinário: é um modo de vida que imita o exemplo apostólico (tema da

mimesis em Paulo). Assim, quebrar a tradição aqui é quebrar a vida comum do evangelho (trabalho responsável, paz, caridade, ordem).

Na história do cristianismo, as leituras confessionais entre católicos, protestantes e ortodoxos divergem os olhares: os Católicos/Ortodoxos: veem o texto como compatível com a ideia de Tradição Apostólica viva (oral e escrita), ainda que reconheçam que, no contexto imediato, Paulo trata de normas ético-comunitárias. Os Protestantes/Reformadores: enfatizam que a tradição apostólica, uma vez consignada nas Escrituras, é o padrão normativo; em 2Ts 3, Paulo aplica esse padrão à questão da ociosidade e da disciplina.

Tem-se, portanto, que para os eruditos, “tradições” em 2Ts 3.6 são os ensinamentos e o padrão de vida apostólicos, transmitidos oralmente e por carta, que exigem dos tessalonicenses um trabalho de fé responsável, ordem comunitária e imitação do exemplo de Paulo — não “costumes humanos” arbitrários, mas a norma apostólica para fé e prática.

Considerando o exposto acima se pode ver que, 2Ts 3.6 não condena “tradições” culturais africanas ou indígenas. O texto trata de tradição apostólica (o ensino e o modo de vida que Paulo transmitiu à igreja) e corrige um comportamento específico dentro da comunidade cristã: viver “desordenadamente” e na ociosidade, recusando trabalhar enquanto depende dos outros (2Ts 3.7–12). Não é um veto geral a costumes culturais.

Uma exegese decolonial e sem intenções mostra como isso se aplica às culturas locais:

- Alvo do texto: disciplina e ética comunitária cristã (trabalho responsável, paz, ordem). Não: proibição de línguas, vestes, culinária, música, ritos identitários, formas de parentesco etc.
- Critério paulino (em toda a carta e no NT): o que contradiz o evangelho (p. ex., exploração, injustiça, práticas que destruam a dignidade do próximo) deve ser abandonado; o que é compatível com a fé pode e deve ser inculturado (cf. At 15; 1Co 9.19–23; Rm. 14).
- Inculturação legítima: valores fortes nas matrizes africanas e indígenas como comunitariedade, reciprocidade, trabalho solidário, cuidado com os vulneráveis, respeito aos ancestrais convergem com as exortações paulinas (trabalho digno, partilha, paz: 2Ts 3.12–13).
- Abusos históricos: usar 2Ts 3.6 para desqualificar culturas é leitura colonial do texto, não sua intenção. Paulo corrige um grupo cristão específico em Tessalônica, ele não dita um modelo cultural único.

Eruditos sugerem esta regra prática de discernimento para ver se uma determinada tradição é averso ao evangelho:

1. O que nesta prática cultural fere o amor ao próximo ou promove injustiça? Se sim, o evangelho corrige.
2. O que nesta prática expressa bem comum, beleza, memória e justiça? Se sim, pode ser recebido, purificado se necessário, e celebrado na vida cristã.

Finalizamos a análise de 2Ts 3.6 aceitando que, ele não é uma condenação de culturas africanas ou indígenas; é um chamado à fidelidade ao ensinamento apostólico dentro da igreja, especialmente contra a ociosidade e a desordem, deixando amplo espaço para a pluralidade cultural onde há justiça, dignidade e amor.

1.1.6. Tradições ensinadas em 2Ts.2.15

ἀρα οὖν, ἀδελφοί, στήκετε, καί κρατεῖτε τὰς παραδόσεις ας ἐδιδάχθητε εἴτε διὰ λόγου εἴτε δι' ἐπιστολῆς ἡμῶν. Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa (NT, Grego 2 Tess. 2:15).

Partindo do pressuposto de um consenso básico na cristandade, tem-se que Tradições = ensinamento apostólico recebido pelos tessalonicenses: inclui conteúdo doutrinário (o querigma sobre Cristo, a esperança escatológica, a ética cristã) e práticas (vida comunitária, disciplina, culto). A ênfase é guardar (κρατεῖτε) e permanecer firmes (στήκετε) no ensino que nos foi transmitido seja “por palavra” (oral) ou “por carta” (escrita) dos apóstolos.

Em 2 Tessalonicenses 2.15, Paulo não endossa costumes meramente humanos criticados em Mc 7.8/Mt 15.3 ou Cl 2.8; ele fala de tradição apostólica, que mede e corrige outras tradições (cf. 2Ts 3.6; 1Co 11.2; 15.1–3; Gl 1.8–9), o que não tem a ver com a identidade dos povos africanos ou indígenas.

Sobre 2 Tess.2.15 se tem várias correntes de interpretação:

Para a tradição Católica/Ortodoxa (patrística e magistério): os pais da igreja, como Irineu de Lio, Basílio de Cesareia e João Crisóstomo podiam ver aqui uma base para a παραδόσεις (tradição) apostólica que a Igreja guarda viva na liturgia, vida e doutrina. E os documentos como Dei Verbum² (Vaticano II) articulam que a Escritura e a Tradição são um

² Dei Verbum (“A Palavra de Deus”) é a Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina do Concílio Vaticano II. Foi promulgada pelo papa Paulo VI em 18 de novembro de 1965. Resume o que a Igreja Católica ensina sobre como Deus se revela e como essa revelação chega até nós.

único depósito apostólica, ou seja, entende-se que uma parte foi escrita (Novo Testamento) e outra parte transmitida na prática e ensino da Igreja; ambas interpretadas na comunidade e guiadas pelo Espírito.

Para a tradição Protestante/clássica evangélica: os teólogos como F. F. Bruce, Gordon D. Fee, Leon Morris e Ben Witherington consideram que em 2 Tessalonicenses 2.15, as “tradições” são o ensino apostólico que já estava em processo de inscrição nas cartas; a norma final para a Igreja é a Escritura como testemunho público e normativo dessa tradição. Portanto, 2Ts 2.15 não legitima tradições pós-apostólicas que contradigam o ensino bíblico; legitima preservar fielmente o conteúdo apostólico recebido.

E, por fim, em uma Exegese técnica recente, Wanamaker / NIGTC, Gene L. Green / Pillar destacam que “tradições” em 2Ts.2.15 abrange especialmente o ensino escatológico correto (cap. 2) e a práxis comunitária (cap. 3). O binômio “por palavra/por carta” combate confusões causadas por “cartas” supostamente de Paulo (2Ts 2.2) e persuade que a comunidade discerne o autêntico pelo critério apostólico já conhecido.

2Ts 2.15 conclama a permanecer e guardar o ensino apostólico — recebido oralmente e por escrito como norma de fé e vida. Pelo que o conteúdo provável dessa “tradição” em Tessalônica (2Ts.2.15) seja o seguinte:

1. Cristo e o Evangelho: morte/ressurreição, senhorio de Jesus (1Ts 1.9–10; 4.14; 5.9–10).
2. Esperança escatológica sã: vinda do Senhor, ressurreição, juízo; rejeição de cronologias alarmistas (1Ts 4–5; 2Ts 2).
3. Ética eclesial: santidade sexual, trabalho responsável, caridade, disciplina fraterna (1Ts 4.1–12; 2Ts 3.6–15).
4. Práticas de culto/ensino: leitura de cartas, oração, ação de graças, instrução profética discernida (1Ts 5.12–22).

Um estudo aprofundado mostra que 2Ts.2.15 tem as seguintes Implicações teológicas:

- Autoridade: a Igreja é chamada a ser Προστάτης (protetor) fiel — não inventar, mas transmitir o que recebeu dos apóstolos.
- Forma: a tradição apostólica tem conteúdo verificável (doutrina e prática) e critério (conformidade a Cristo e ao ensino apostólico já conhecido/escrito).
- Equilíbrio: costumes locais são legítimos enquanto subordinados ao depósito apostólico; quando entram em choque, prevalece a tradição apostólica (Gl 1.8–9).

1.2. As Tradições na História da Igreja

1.2.1. As Tradição Cristãs

Uma **tradição**, em definição, é um conjunto de práticas, crenças, costumes e valores transmitidos de geração em geração dentro de uma cultura, comunidade ou grupo social. E, como o dicionário Aurélio coloca, deriva do latim, *traditione* e significa ato de transmitir ou entregar, sendo que as tradições a que nos referimos são as passagens (transmissões) entre gerações dos povos africanos, cristãos, hebreus, indígenas e gregos, de lendas, fatos, valores espirituais e morais, conhecimentos e práticas, que são constituintes vitais e muitas vezes contratantes de tais comunidades.

Essas práticas podem incluir rituais, histórias, festividades, músicas, danças, ensinamentos e até formas de organização social. A tradição desempenha um papel importante na preservação da identidade cultural e no fortalecimento dos laços comunitários de um povo. Uma observação atenta mostra que as tradições têm seguintes características:

- **Transmissão Temporal:** São passadas de geração em geração, geralmente por meio de narrativas orais, ensinamentos práticos ou exemplos vivenciados.
- **Relação com a Identidade:** Contribuem para definir a identidade de um grupo ou comunidade, diferenciando-o de outros.
- **Adaptação e Transformação:** Apesar de serem associadas à continuidade, as tradições podem evoluir e se adaptar a novos contextos culturais e históricos.
- **Dimensão Coletiva:** As tradições geralmente são compartilhadas por um grupo, reforçando o senso de pertencimento coletivo.

Exemplos de algumas tradições grego-cristãs:

As tradições cristãs são ricas e variadas, refletindo séculos de práticas espirituais e culturais desenvolvidas em diferentes contextos e denominações. Aqui estão alguns exemplos destacados:

- **Celebrações Litúrgicas:** Festas como o Natal (nascimento de Jesus) e a Páscoa (ressurreição de Jesus) estão no centro das tradições cristãs, comemoradas com missas, cultos e rituais únicos e específicos.
- **Sacramentos:** Em várias denominações cristãs, há sacramentos importantes como o batismo e a Ceia do Senhor (Eucaristia), que simbolizam a fé e a comunhão com Deus.

- Oração e Leituras bíblicas: A oração, seja comunitária ou individual, e a leitura da Bíblia são pilares da prática cristã, frequentemente acompanhados de reflexões ou estudos em grupo.
- Rituais de Casamento e Funeral: Cerimônias cristãs marcam momentos significativos da vida, trazendo conforto e sentido espiritual.
- Caridade e Ação social: Muitas tradições cristãs enfatizam a ajuda ao próximo, com iniciativas como doações, apoio a comunidades vulneráveis e serviços sociais.
- Peregrinações: Lugares sagrados como Jerusalém, Roma ou Santiago de Compostela atraem cristãos em busca de conexão espiritual e renovação da fé.

No entanto, é importante observar que, em contextos decoloniais, as tradições também podem ser reavaliadas, especialmente quando refletem narrativas de poder ou exclusão histórica. A flexibilidade das tradições é o que permite que elas sejam tanto uma ligação ao passado quanto um meio de se reinventar no presente.

1.2.2. Tradições e Culturas dos Povos não judeus

Dentre as diversas tradições africanas destacamos as seguintes práticas e valores culturais:

- a) Ritmos e Danças tradicionais: De forma geral, muitos povos africanos utilizam as danças em celebrações, cerimônias e rituais. Cada dança carrega um significado e é acompanhada por instrumentos como batusques e tambores, que simbolizam a conexão com os espíritos ancestrais.
- b) Contação de Histórias (Oralidade): A tradição oral é central em várias culturas africanas. Histórias, provérbios e músicas são transmitidos de geração em geração para educar, entreter e preservar a história e os valores comunitários dos povos.
- c) Religiões Tradicionais: Muitos povos africanos praticam religiões que reverenciam os antepassados e a natureza. Isso inclui sistemas espirituais como a tradição iorubá, que influenciou religiões afrodescendentes como o candomblé no Brasil e o vodu no Caribe.
- d) Artesanato e Tecelagem: O trabalho com tecidos, como o Kente em Gana, e a criação de máscaras, como máscara mwana-pwó nos chokwe e rituais, como kusona chuma³ são expressões artísticas que simbolizam identidades e histórias culturais.

³ Kusona chuma, refere-se a pintar ou desenhar em algo (material ou corpo humano) no sentido de torna-lo atraente, bonito e diferenciado.

- e) Rituais de Iniciação: Muitos grupos dos povos africanos têm rituais que marcam a transição de jovens para a vida adulta, como mukanda e chiwila (Mucuta, 2020) celebrando sua integração à sociedade com novos papéis e responsabilidades.

Tradição e Cultura dos povos não judeus vs concepções cristãs europeias

Cultura: Conjunto amplo de valores, saberes, crenças, costumes, linguagens, tecnologias, expressões artísticas e modos de vida de um povo. É dinâmica — muda com o tempo e o contato com outras culturas.

Tradição: Parte da cultura que é transmitida de geração em geração, conservando práticas, rituais, mitos, danças, narrativas e costumes antigos.

Exemplos de culturas: as línguas nativas, modos de organização social nativos, economia de subsistência (caça, pesca, agricultura), e cosmologia (relação sagrada com a natureza), música, dança, culinária, arte, religiosidade e filosofia comunitária (ubuntu).

Exemplos de Tradições: rituais de circuncisão, pintura corporal nos indígenas, uso de ervas medicinais, contação de mitos e histórias, uso dos tambores e batuques, máscaras e danças como formas de comunicação espiritual; transmissão oral de saberes pelos mais velhos.

Conflito entre as tradições e culturas dos povos africanos e indígenas com a fé cristã

Não existe conflito entre “Cristo e a África”, mas entre um cristianismo colonial e uma espiritualidade africana livre. Não é a fé cristã que está em conflito com as tradições africanas e indígenas, mas sim as interpretações coloniais do cristianismo que negaram o valor dessas tradições. Quando libertas desse olhar, fé e cultura africana se reconhecem como irmãs — ambas celebrando a vida, a comunhão e o sagrado.

O conflito histórico entre as tradições africanas e indígenas e o cristianismo tem origem historicamente, quando os missionários europeus durante a colonização interpretaram as tradições africanas como “pagãs” ou “idólatras”, esquecendo que eram estilos de vida desses povos inofensivos a fé num só Deus que eles mesmos designavam por Zambi, Olodumare, Mungu, Kalunga.

O conflito entre a fé cristã e as tradições africanas pode ser desnecessário, se considerasse o pensamento que se desenvolve desde o século XX com o surgimento da Teologia africana contextualizada, que reconhece o valor das tradições locais. Isto é, considerar que, o Cristianismo deve ser inculturado, quer dizer, o Evangelho pode ser vivido dentro das culturas africanas, sem apagar sua identidade.

1.2.3. O Judaísmo Messiânico e as Tradições Judaicas

Considerando o judaísmo messiânico que é uma fé híbrida e identitária, que busca restaurar as origens judaicas do cristianismo primitivo e afirmar que Yeshua é o Messias de Israel, mantendo a cultura e as tradições judaicas, tem-se então a inutilidade de hostilizar os costumes e tradições dos povos não-judeus que têm Jesus Cristo, o Filho de Deus como Senhor e Salvador.

O judaísmo messiânico é um movimento religioso que combina elementos do judaísmo tradicional com a fé em Yeshua (Jesus) como o Messias prometido nas Escrituras Hebraicas. Ele surgiu formalmente no século XX, mas tem raízes em grupos judaico-cristãos dos primeiros séculos.

O judaísmo messiânico entende-se como uma continuação judaica da fé em Yeshua, mantendo práticas e identidades judaicas (como o uso do hebraico, celebração das festas bíblicas, observância do שַׁבָּת (shabat) e da כְּשֵׁרוּת (kashrut)⁴, mas reconhecendo Jesus como o Messias e Filho de Deus — crença central do cristianismo.

O judaísmo rabínico não reconhece o judaísmo messiânico como forma legítima de judaísmo, considerando-o uma vertente cristã, mas o movimento está presente dentre a comunidade judaica em Israel. Por outro lado, muitas igrejas cristãs veem os messiânicos como “judaizantes”, por manterem práticas da Lei mosaica, mas isso não emudece o movimento judaico messiânico.

O posicionamento do judaísmo messiânico nos pode levar a uma certa comparação com o judaísmo ortodoxo e o cristianismo. Ver tabela:

Quadro 2: Características do Movimento Judaico Messiânico 1

Tema	Judaísmo rabínico	Cristianismo	Judaísmo messiânico
Identidade básica	Religião e povo de Israel; Não cristológica	Fé em Cristo; Comunidades multiétnicas	Judeus e gentios que creem em Yeshua como Messias mantendo identidade/práticas judaicas
Escrituras	Tanah (Bíblia Hebraica) + tradição oral (Talmud, midrashim)	Antigo e Novo Testamento	Tanah + Novo Testamento (como “Brit Hadashá”), com leitura judaizante

⁴Kashrut: conjunto das leis alimentares judaicas

Tema	Judaísmo rabínico	Cristianismo	Judaísmo messiânico
Messias	Ainda aguardado; humano, descendente de Davi	Jesus é o Messias e Senhor, já veio e virá de novo	Yeshua é o Messias de Israel, já veio e voltará
Natureza de Jesus	Não é Messias nem divino	Divino (Filho/Logos; trinitário nas igrejas históricas)	Messias; muitos grupos o confessam divino, mas com linguagem hebraica (varia por congregação)
Deus (unicidade vs. Trindade)	Monoteísmo estrito (Shema)	Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo)	Monoteísmo com afirmação de Yeshua como Messias; muitos aceitam uma forma de trinitarismo “hebraico”
Salvação/justificação	Aliança/obediência, arrependimento (teshuvá), méritos/rachamim divino	Pela graça mediante a fé em Cristo; obras como fruto	Pela fé em Yeshua, sem abolir a Torá (interpretação de Rm 3–11; Tg)
Torá (Lei)	Obrigatória para judeus; halachá como guia	Cumprida em Cristo; não obrigatória como halachá	Válida e praticada (Shabat, kashrut, mo’edim) interpretada à luz do Messias
Tradição Oral (Talmud)	Autoritativa para prática (halachá)	Não autoritativa	Respeitada seletivamente; não tem mesma autoridade
Shabat	Do pôr do sol sex. ao pôr do sol sáb.; central	Domingo como dia do Senhor (maioria)	Shabat de sexta-sábado observado
Festas bíblicas	Pessach, Shavuot, Sucot, etc.	Páscoa e Pentecostes (reinterpretadas), Natal etc.	Pessach, Shavuot, Sucot etc. reinterpretadas em Yeshua; geralmente rejeitam Natal/Páscoa eclesiásticos
Circuncisão (brit milá)	Mandamento para judeus	Não exigida aos gentios	Judeus a mantêm; gentios não são obrigados
Batismo/Mikvá	Mikvá (purificação)	Batismo cristão	Mikvá/batismo messiânico
Local de culto	Sinagoga	Igreja	Sinagoga messiânica (santuário com símbolos judaicos)
Liturgia/idioma	Sidur, hebraico e vernáculo	Liturgias cristãs (missal, hinários)	Sidur adaptado + Brit Hadashá; muito hebraico

Tema	Judaísmo rabínico	Cristianismo	Judaísmo messiânico
Símbolos	Menorá, talit, tefilin, mezuzá	Cruz/ictus	Menorá, estrela de Davi; alguns usam símbolos cruzados discretos
Papel de Israel	Central; povo da aliança	Israel tem papel teológico (varia por tradição)	Centralíssimo: restauração de Israel integra o plano messiânico
Comunidade	Povo/judeus por nascimento ou conversão haláchica	Corpo de Cristo por fé/batismo	Kehilá messiânica com judeus e gentios enxertados (Rm 11)
Proselitismo	Conversão existe, mas não foco	Evangelização ativa	Evangelização, especialmente entre judeus; sem exigir abandonar práticas judaicas
Autoridade religiosa	Rabinato, halachá	Clero/pastores/bispos (varia)	Rabinos/pastores messiânicos; redes como UMJC, MJAA (varia por país)

Fonte: Elaboração do Autor (Ajuda com IA)

Quadro 3: Algumas lideranças dos movimentos messiânicos históricos e atuais 1

País / Cidade	Organização	Líder(es)	Ênfase	Contato / Site
EUA (rede)	UMJC – Union of Messianic Jewish Congregations	Rabbi Barney Kasdan (pres.), David Tokajer (vice), Dr. Jeffrey Seif (dir.executivo), Matthew Absolon	Rede sinagagal	Site oficial. (Union of Messianic Jewish Congregations)
EUA (rede)	MJAA – Messianic Jewish Alliance of America	Jeff Forman (pres.), Larry Feldman (vice), Jason Rich (tes.), Michael Wolf (sec.)	Aliança histórica / conferências	Site oficial; página “Executive Board (2024–2026)”. (mjaa.org)
EUA / Intl.	Chosen People Ministries	Dr. Mitch Glaser (presidente/CEO)	Missão/evangelismo	Página de liderança. (Chosen People)
EUA / Intl.	Jews for Jesus	David Brickner (Executive Chairman; ex-diretor executivo)	Missão global	Perfil oficial. (Jews for Jesus)

País / Cidade	Organização	Líder(es)	Ênfase	Contato / Site
EUA/Israel/Intl	Tikkun Global / Tikkun America	Asher Intrater, Dan Juster; coordenação aparece em comitês atuais (p.ex., Ron Cantor)	Rede congregacional/ensino	Site oficial (lideranças e comitês). (Tikkun Global)
EUA/Intl. (mídia)	Jewish Voice Ministries International	Jonathan Bernis (Presidente & CEO)	TV/mídia, missões médicas	Página “About / Leadership”. (jewishvoice.org)
Israel – Tel Aviv	Dugit Outreach / Congregação Adonai Roi	Avi Mizrachi (fundador/líder)	Evangelismo, congregação local	“Our Leaders” + site da missão. (DUGIT)
Israel – Haifa Bay	Tents of Mercy	Eitan Shishkoff (fundador)	Congregação & ação humanitária	“About Us” / site da congregação. (tentsofmercy.org)
Brasil – Belo Horizonte (MG)	Congregação Har Tzion / Ministério Ensinando de Sião	Rabino Marcelo M. Guimarães; Matheus Zandoná Guimarães (rabino)	Sinagoga messiânica, ensino; filiações (Netivyah/UMJC)	Endereço e contatos (sáb. 10h): Av. Antônio Abraão Caram, 980 – BH • Tel.: +55 (31) 3498-1761 • WhatsApp: +55 (31) 99511-8960 • secretaria@ensinandodesiao.org.br • Site. (Union of Messianic Jewish Congregations)
Brasil – Curitiba (PR)	Congregação Kehilat Sar-El	Liderança local (hist. com Joseph Shulam e Marcelo M. Guimarães)	Sinagoga messiânica	Página oficial / ficha de diretório; info de fundação e endereço. (beitsarel - Cópia)
SP – São Paulo (capital)	Congregação Judaica Messiânica Beit Mashiach	Rabinato e equipe local	Sinagoga messiânica; ensino; culto de Shabat	R. Antônio Coruja, 75 (Bom Retiro) (ver perfil) • (11) 3312-0176 • Sáb. 10h • Site (Congregação Beit Mashiach)
MG – Belo Horizonte	Congregação Har Tzion / Ministério Ensinando de Sião	Rabino Marcelo M. Guimarães; rabinos associados	Sinagoga messiânica; instituto de ensino; vínculos com Netivyah e UMJC	Av. Antônio Abraão Caram, 980 • (31) 3498-1761 • secretaria@ensinandodesiao.com.br • Site (ensinandodesiao.com.br)
PR – Curitiba	Kehilat Sar-El (Congregação Judaico-Messiânica)	Liderança local; fundada c/ benção de Joseph Shulam e Marcelo M. Guimarães	Sinagoga messiânica (Shabat 10h)	Rua Inácio Lustosa, 750 – São Francisco • CEP 80510-000 • Shabat 10h • contato@sarel.org.br • Site (Union of Messianic Jewish Congregations)

País / Cidade	Organização	Líder(es)	Ênfase	Contato / Site
RJ – (diversas cidades)	Listagem comunitária (portal RJ)	—	Diretório voluntário de sinagogas /comunidades messiânicas	Portal de divulgação (sem vínculo oficial): judaismomessianicorj.webnode.pa ge (judaismomessianicorj)

Fonte: Elaboração do autor (ajuda com IA)

CAPÍTULO II: COLONIALIDADE RELIGIOSA: SUA AÇÃO ANTEGÓNICA COM O AMOR DE JESUS CRISTO NA CRUZ.

Designamos Colonialidade Religiosa, o modo como o cristianismo foi (e ainda é) usada como instrumento de dominação colonial, e ainda observado, mesmo depois do fim formal do colonialismo, em formas diversificadas na atuação de muitas lideranças cristãs. Ela atua desqualificando, silenciando ou diabolizando o modo de viver não europeu, enquanto universaliza o poderio económico (prosperidade material) única forma legítima de fé, moral e verdade. Ela é uma dimensão da colonialidade do poder que se articula com a colonialidade do saber, do ser e do corpo.

Em termos simples (mas fortes), a colonialidade religiosa é quando se passa a ideia de como se Deus tem passaporte europeu, e que todas as outras culturas precisassem pedir licença para existir ou ter fé nele.

A decolonialidade religiosa é a ação de libertar a fé em Cristo das amarras coloniais, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural dos povos historicamente marginalizados. Não se trata apenas de “resistir” a diabolização dos pensamentos e culturas africanos, indígenas, e outros não europeus, mas de recriar modos plurais de se pensar a espiritualidade e a evangelização, onde as cosmologias africanas, indígenas e populares tenham dignidade no evangelho de Cristo, quanto as tradições europeias.

O Conceito de decolonialidade religiosa não é ainda amplamente utilizado na teologia cristã, ele procura pensar como a fé cristã, a espiritualidade e as práticas religiosas foram afetadas pela colonialidade do poder, do saber e do ser — e como podem ser ressignificadas a partir das experiências históricas e espirituais dos povos colonizados, considerando que Deus criou os seres humanos com uma grande diversidade e ama todos os povos da mesma maneira.

A teologia decolonial aqui defendida não é das correntes de luta humana e mundana como a teologia negra (movimento negro), teologia indígena, teologia da libertação revisitada ou a teologia feminista, ela é uma teologia que procura despir a teologia cristã de todas as amarras da colonialidade de poder e de saber.

Estou em crer que Deus que criou o povo chokwe, indígenas, americanos, africanos, asiáticos, sul africanos etc., não os negaria no reino do seu Filho porque são diferentes dos europeus, pensam diferentes dos europeus, comem diferentes dos europeus ou viverem de modo diferentes dos europeus, se estes o aceitarem de coração, como único Senhor e Salvador das suas vidas.

2.1. Alguns deslizes de primeiros missionários cristãos diante das tradições dos povos colonizados

Admite-se que os primeiros missionários cristãos em África e nas Américas, especialmente entre os séculos XV e XIX, desempenharam de certo modo, algum papel ambíguo, pois que, ao mesmo tempo que ensinavam e assistiam populações locais, também cometeram equívocos na forma como interpretaram e lidaram com as tradições indígenas e africanas.

Tais deslizes podem ser agrupados em seguintes grandes áreas:

1. Etimologização e demonização das tradições locais

Muitos missionários interpretaram as práticas culturais dos povos africanos e indígenas como: idolatria, feitiçaria, paganismo e coisas de demónios. Essa leitura etnocêntrica impediu que eles percebessem que:

- Alguns rituais demonizados na visão europeia, eram formas de relação com ancestrais e manutenção da coesão comunitária dos povos africanos;
- tradições indígenas eram expressões de cosmologia e equilíbrio com a natureza.

Deslize: tomar práticas diferentes como “erradas ou “malignas”, sem esforço de compreendê-las.

2. Desvalorização das línguas e epistemologias locais

Muitos missionários:

- proibiram o uso de línguas africanas e indígenas nas liturgias;
- impuseram alfabetização em português ou latim;
- ridicularizaram narrativas orais locais.

Deslize: não reconhecer que a língua é o lugar da identidade, memória e espiritualidade. Isso gerou apagamentos e rupturas de várias tradições milenares.

3. Imposição de modelos europeus de família e moralidade

Missionários frequentemente condenavam:

- estilo e modo de casamento dos povos africanos, sem compreender sua função social e econômica;
- ritos de passagem como iniciações juvenis, que eram escolas instrutivas e formativas de transmissão de valores;

Deslize: impor padrões europeus como universais, ignorando a diversidade de estruturas familiares e éticas.

4. Desconsideração das autoridades sociais, religiosas e espirituais locais

A obediência as autoridades familiares, como do tio, soba e até curandeiros e herbalistas locais foi vista como concorrente a obediência aos dogmas do cristianismo, sem considerar a sua interlocução cultural.

Deslize: substituir sem dialogar, enfraquecendo sistemas tradicionais de cuidado, justiça, instrução, formação e educação.

5. Aliança com a lógica colonial e com o projeto civilizatório europeu

Notadamente: Muitas vezes, os missionários reforçaram a tese de que os povos africanos e indígenas eram “atrasados” e precisavam ser “civilizados”.

Deslize: confundir Evangelho com europeização; fé com colonialidade.

6. Condenação de práticas rituais sem estudo prévio

Exemplos:

- danças e tambores africanos foram vistos como “pecaminosos” quando nas manifestações dos povos africanos, e “louvores” quando tocadas em cultos cristãos;
- máscaras e esculturas africanas foram classificadas como “ídolos”, enquanto as esculturas de personagens hebraicas e europeias classificados como “santos”;
- curas tradicionais foram chamadas de “superstições”.

Deslize: julgar antes de compreender, seguindo a colonização europeia, o que contraria a própria ética cristã do encontro.

7. Neutralização da cosmologia e espiritualidade ancestrais

Poucos missionários compreenderam que:

- em povos africanos, há uma espiritualidade comunitária e ancestral, não necessariamente “politeísta”;
- em povos indígenas há uma **noção de sagrado integrada à natureza**, não separada da vida.

Deslize: tentar substituir cosmologias inteiras por doutrina, sem perceber a profundidade dos saberes tradicionais.

Obs. É observável que a neutralização das cosmogonias e crenças dos povos colonizados, foi sempre uma estratégia colonial, não o evangelho de Cristo, o português João Vicente Martins, 1993, mostra isso com clareza:

Alguns nativos, mais civilizados, já vão deixando algumas dessas práticas e credences, mas não todas; no fundo, ainda acreditam no poder dos espíritos e dos feitiços, que jamais os deixam viver tranquilos e felizes, ao contrário do que muita gente julga, o que os torna apáticos e fatalistas. Torna-se necessário subtraí-los a estas credences e leva-los até nós, a fim de beneficiarem dos

valores da nossa civilização, da nossa técnica, ciência e economia (MARTINS, 1993, p. 101).

8. Falta de reconhecimento das contribuições culturais locais ao cristianismo

Em vez de ver os ritmos, as danças, os cânticos, as narrativas e os simbolismos como potenciais enriquecimentos da fé cristã inculturado, muitos missionários os rejeitaram. No entanto, hoje, vemos as mesmas danças e ritmos exibidos nos cultos cristãos, aceites como louvores, músicas gospel, concertos cristãos e fluir do Espírito Santo em grandes concentrações religiosas (cultos avivados).

Deslize: recusar a inculturação, isto é, negar que o Evangelho pode se expressar nas cores, sons e signos de cada povo.

9. Ignorância do monoteísmo de vários povos colonizados.

A crença em um só Deus Supremo faz parte da cosmogonia de vários povos africanos, no entanto, muitos missionários cristãos não deram conta disso ou simplesmente, ignoraram tal facto. Muitos autores colonialistas europeus reconheceram a crença monoteísta nos povos colonizados antes da missionação cristã, por exemplo, João Vicente Martins (antropólogo português e investigador ultramarino em 1943), no livro da sua autoria, *Crenças, Adivinhação e Medicina Tradicionais dos Tutchokwe do Nordeste de Angola*, escreve monoteísmo do povo chokwe em seguintes termos:

Pelo que acabámos de descrever, é facto inegável de que os Tutchokwe, como a maioria dos povos bantu, crêem num Ser supremo onipotente e infinito, que se criou a si próprio, que criou o Universo e que tudo rege. Desconhece-se, porém, de onde e quando receberam tal crença, ou se é original, tanto mais que não lhe prestam qualquer culto e só a ele recorrem em casos graves; geralmente, quando estão doentes e esgotaram todos os recursos mágicos e medicinais., bem como todos os sacrifícios e preces aos seus fetiches. Nessa altura é que, então, eles se dirigem ao Nzambi dizendo: Nzambi ku-á-ri (Deus existe) é ele que tudo criou e tudo manda, proteger-me-á. A crença num Deus supremo entre os povos bantu deve ser velha de séculos, posto que já existia antes das descobertas e os missionários, quer protestantes quer católicos, não tiveram grande dificuldade a este respeito, nem necessitaram de inventar um novo vocábulo que traduzisse a ideia de um Deus Supremo, bastando-lhes adaptar os vocábulos existentes nas línguas das diversas tribos (MARTINS, 1993, p. 67).

2.2. Nacionalidade de Deus, criador dos céus e da Terra: uma análise bíblico-teológica com notas exegéticas

Deus não tem nacionalidade. A frase “בְּרֵאשִׁית בְּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ” “Deus criou os céus e a Terra” (Gn.1.1), não é europeu nem tampouco judeu, não é apenas uma proposição teológica contemporânea, mas uma conclusão sustentada pelas Escrituras quando estas são lidas sem filtros etnocêntricos. A Bíblia apresenta Deus como ser universal, eterno,

não localizado, e não condicionado por identidade étnica ou nacional. A centralidade de Israel na narrativa bíblica não implica que Deus seja judeu; implica apenas que esse povo foi veículo histórico da revelação. Exegese consistente confirma essa distinção fundamental.

Deus é Espírito (Jo. 4:24). Sendo Espírito, sua transcendência é ontológica e sem etnia.

Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. πνεῦμα ὁ Θεός, καὶ τοὺς προσκυνοῦντας αὐτὸν ἐν πνεύματι καὶ ἀληθείᾳ δεῖ προσκυνεῖν (OLIVEIRA, 2010).

Nota exegética: O termo grego *pneuma* indica uma realidade não material, imaterial e não corpórea. Como um ser espiritual, Deus não possui *sarx* (carne), *sōma* (corpo) ou características físicas que identifiquem uma raça, cor ou etnia. Logo, atribuições antropomórficas (branco, judeu, europeu, africano) são projeções culturais tardias, não afirmações bíblicas.

Deus é o Criador de todas as nações. De um só fez toda a raça humana (At 17:26).

De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação. ἐποίησέν τε ἐξ ἑνὸς πᾶν ἔθνος ἀνθρώπων κατοικεῖν ἐπὶ παντὸς προσώπου τῆς γῆς, ὀρίσας προστεταγμένους καιροὺς καὶ τὰς ὁροθεσίας τῆς κατοικίας αὐτῶν (OLIVEIRA, 2010)

Nota exegética: O termo grego ἐξ ἑνὸς (“de um só”) indica origem comum da humanidade, sem distinção hierárquica racial ou nacional. O Deus criador antecede todas as etnias e, portanto, não pertence a nenhuma. Paulo, ao dialogar com filósofos atenienses, situa Deus **fora** de qualquer identidade étnica, desconstruindo também a ideia de um “Deus tribal”.

Deus é Soberano universal: proprietário da terra e dos povos. Ao Senhor pertence a terra e tudo que nela existe (Sl 24:1).

Do SENHOR é a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam. לַיהוָה הָאָרֶץ וּמְלוֹכָתָהּ תָּבֵל וְיִשְׁבְּי בָהּ: (OLIVEIRA, 2010).

Nota exegética: A expressão hebraica לַיהוָה הָאָרֶץ utiliza o artigo definido (ה) para indicar totalidade: tudo, sem exceção, pertence a Deus. Isso desautoriza qualquer teologia que identifique Deus como exclusividade étnica ou nacional. Se a criação inteira é de Deus, então Deus não é “da” criação de nenhum povo.

Deus não faz acepção de pessoas diz Pedro em Atos 10:34–35.

34 Então Pedro passou a falar, dizendo: Reconheço, por verdade, que Deus não faz **acepção de pessoas**; 35 pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável.

34 ἀνοίξας δὲ Πέτρος τὸ στόμα εἶπεν· ἐπ’ ἀληθείας καταλαμβάνομαι ὅτι οὐκ ἔστιν προσωπολήπτῆς ὁ Θεός, 35. ἀλλ’ ἐν παντὶ ἔθνει ὁ φοβούμενος αὐτὸν καὶ ἐργαζόμενος δικαιοσύνην δεκτὸς αὐτῷ ἔστιν (OLIVEIRA, 2010, p. 1353).

Nota exegética: O termo grego *προσωπολήμπτης* (acepção de pessoas) refere-se à prática antiga de considerar superior o “rosto” (identidade, nacionalidade). Pedro reconhece que Deus não privilegia judeus; logo, não privilegia nenhuma etnia humana. Este versículo é um pilar bíblico contra qualquer leitura etnocêntrica do divino.

Deus é anterior a Israel: eternidade e ausência de identidade nacional. Antes que os montes nascessem... tu és Deus de eternidade a eternidade (Sl 90:2).

Antes que os montes nascessem, e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.

בְּטוֹרֵם הָרִים יִלְדוּ וַתִּחַלֵּל אֶרֶץ וַתִּמְעַלֵּם עַד-עוֹלָם (OLIVEIRA, 2010).

Nota exegética: O termo hebraico *עוֹלָם עוֹלָם* indica eternidade passada e futura. Israel surge apenas no segundo milênio a.C.; Deus não surge com Israel. Portanto, identificar Deus como judeu, mesmo simbolicamente, é um anacronismo teológico.

Deus não cabe em templos (nem em culturas específicas). O Altíssimo não habita em templos feitos por mãos humanas (At 7:48).

Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas, como diz o profeta: ... ἀλλ’ οὐχ ὁ Ὑψίστος ἐν χειροποιήτοις κατοικεῖ, καθὼς ὁ προφήτης λέγει (OLIVEIRA, 2010).

Nota exegética: A crítica de Estêvão retoma textos de Isaías (66:1). O princípio é claro: se Deus não pode ser limitado por estruturas materiais, também não pode ser limitado por estruturas culturais, nacionais ou étnicas. O divino transcende qualquer sistema simbólico humano.

Deus é o Deus de todas as nações. Do nascente ao poente será grande entre as nações o meu nome (Ml 1:11).

Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome; em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos.

כִּי מִמְּזֶרֶחַ שָׁמֶשׁ וְעַד-מְבֹאֵי דָוָל שְׁמִי בְּגוֹיִם וּבְכָל-מְקוֹם מְקַטְרִים מִגָּשׁ לְשָׁמַי וּמִנְחָה טְהוֹרָה כִּי-דָוָל שְׁמִי בְּגוֹיִם אֶמַר יְהוָה צְבָאוֹת: (OLIVEIRA, 2010).

Nota exegética: A expressão hebraica *מִמְּזֶרֶחַ שָׁמֶשׁ וְעַד-מְבֹאֵי דָוָל* (“do oriente ao ocidente”) é uma fórmula de universalidade. Deus não se define pela localização geográfica da revelação (Israel), mas pela abrangência global de Seu ser e de Seu nome.

A Universalidade cristológica do Salvador é o fim das fronteiras étnicas. Aqui não há judeu nem grego... mas Cristo é tudo em todos. (Cl 3:11).

... no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos. ὅπου οὐκ ἔστι Ἕλληνας καὶ Ἰουδαῖος, περιτομὴ καὶ ἀκροβυστία, βάρβαρος, Σκύθης, δοῦλος, ἐλεύθερος, ἀλλὰ [τὰ] πάντα καὶ ἐν πᾶσιν Χριστός (OLIVEIRA, 2010).

Nota exegética: A teologia paulina transcende identidades étnicas sem negá-las, afirmando que elas não definem acesso a Deus. Se a mediação de Deus em Cristo é universal, também o é a sua identidade: Cristo não se torna propriedade de judeus, europeus ou qualquer povo.

Portanto, afirmar que “Deus não tem nacionalidade” é teologicamente correto, exegética e bíblicamente fundamentado. É uma afirmação alinhada com leituras anticoloniais, afrocentradas e contextuais, mas sobretudo fiel ao próprio texto bíblico, que apresenta um Deus: transcendente, não étnico, senhor de todos os povos, não confinado a Israel, e absolutamente não europeu.

2.3. Percepções da teoria da decolonialidade religiosa no cristianismo

A perspectiva decolonial não se configura, de modo homogêneo, como uma oposição direta ao cristianismo enquanto experiência de fé, mas estabelece uma crítica contundente ao papel histórico desempenhado por determinadas formas de cristianismo no contexto da expansão colonial europeia. Nesse sentido, autores como Aníbal Quijano, Walter Dignolo e Enrique Dussel evidenciam que o cristianismo, sobretudo em sua expressão institucional e eurocêntrica, foi frequentemente mobilizado como instrumento de legitimação da dominação política, cultural e epistêmica sobre povos indígenas, africanos e afro-diaspóricos.

Tal crítica não se dirige, portanto, à totalidade do cristianismo, mas à sua articulação com a chamada colonialidade do poder, conceito desenvolvido por Aníbal Quijano, que denuncia a imposição de uma matriz de saber eurocentrada, responsável por hierarquizar culturas, religiões e formas de conhecimento. Nesse processo, as espiritualidades não europeias foram sistematicamente deslegitimadas, classificadas como primitivas ou pagãs, enquanto o cristianismo europeu foi elevado à condição de verdade universal.

Por outro lado, há no interior do pensamento decolonial, especialmente na obra de Enrique Dussel, uma distinção analítica fundamental entre a mensagem originária de Jesus e a sua posterior institucionalização na cristandade imperial. Nessa leitura, Jesus é compreendido como uma figura histórica situada ao lado dos oprimidos, cuja prática e discurso podem ser reinterpretados em chave libertadora. Em contrapartida, a cristandade, aliada aos projetos imperiais, teria se distanciado desse horizonte ético, tornando-se parte constitutiva das estruturas de dominação.

Essa diferenciação abre espaço para a formulação de leituras não hegemônicas do cristianismo, particularmente a partir do Sul global, em diálogo com experiências como a teologia da libertação e com as epistemologias afro-diaspóricas, indígenas e quilombolas. Nessa direção, torna-se possível pensar um cristianismo decolonial, que não se imponha como sistema

universalizante, mas que se reconstrua em relação com outras cosmologias e saberes, reconhecendo sua historicidade e seus limites.

Contudo, persistem tensões significativas. A crítica decolonial se intensifica quando práticas cristãs contemporâneas continuam a reproduzir lógicas de exclusão, silenciamento e negação de outras formas de espiritualidade. Assim, mais do que uma rejeição absoluta, o que se observa é uma problematização radical das condições históricas, políticas e epistemológicas sob as quais o cristianismo se expandiu e se institucionalizou.

Dessa forma, a decolonialidade não propõe necessariamente a negação do cristianismo, mas convoca sua revisão crítica, especialmente no que concerne às suas implicações no processo de colonização e à possibilidade de sua ressignificação em contextos plurais, marcados pela diversidade de saberes e experiências históricas.

Nesta pesquisa, a perícopes de Evangelho de Mateus 15:3 ocupa um lugar estratégico para uma crítica teológica que é, ao mesmo tempo, interna e normativa. Ao interpelar os fariseus — “Por que transgredis vós também o mandamento de Deus por causa da vossa tradição?” —, Cristo não rejeita a tradição em si, mas denuncia sua absolutização quando esta passa a obscurecer ou invalidar a vontade divina. Trata-se, portanto, de uma crítica que emerge do interior da própria experiência religiosa, estabelecendo um princípio hermenêutico decisivo: toda prática, norma ou costume deve ser continuamente confrontado com o mandamento de Deus (Bíblia Sagrada).

Essa crítica interna possui implicações diretas para a compreensão contemporânea da *ekklesia*. Ao longo da história, a igreja, em sua forma institucional, não esteve imune ao mesmo desvio denunciado por Cristo. Em diversos contextos, tradições historicamente situadas — muitas delas marcadas por matrizes culturais europeias — foram elevadas à condição de universalidade normativa, confundindo-se com o próprio evangelho. Nesse processo, o que se pode identificar, é a colonialidade do poder operando no campo religioso, produzindo hierarquizações entre culturas, saberes e espiritualidades.

A denúncia de Cristo em Mateus 15:3, nesse sentido, revela-se não apenas como um episódio localizado, mas como um critério permanente de discernimento eclesial. Ela desestabiliza qualquer pretensão de sacralização acrítica de tradições humanas, sejam elas de origem europeia, africana ou de qualquer outra matriz cultural. Ao mesmo tempo, impede que a crítica à cristandade histórica seja conduzida de forma a relativizar o núcleo do evangelho. O texto não autoriza nem o conservadorismo que absolutiza tradições, nem o relativismo que dissolve o mandamento de Deus em múltiplas expressões culturais sem critério.

É precisamente nesse ponto que se torna possível articular a fidelidade ao evangelho com uma postura crítica frente à colonialidade religiosa porque toda forma de conhecimento — inclusive a teológica — está situada histórica e culturalmente. Contudo, essa constatação não implica a negação da verdade do evangelho, mas exige uma vigilância constante quanto às mediações culturais através das quais ele é interpretado e vivido.

É preciso distinguir a mensagem originária de Cristo e sua posterior inscrição nas estruturas de poder da cristandade. Tal distinção não visa romper com a fé cristã, mas resgatar sua dimensão ética e libertadora, frequentemente obscurecida por alianças históricas com projetos de dominação.

Dessa forma, a *ekklesia de Christos*, quando iluminada por Mateus 15:3, é chamada a um duplo movimento: de um lado, submeter-se radicalmente ao mandamento de Deus, reconhecendo a centralidade de Cristo como critério último de verdade; de outro, exercer uma crítica contínua sobre suas próprias tradições, discernindo nelas tanto possibilidades de encarnação do evangelho quanto riscos de sua distorção.

Tal equilíbrio é fundamental para evitar dois desvios recorrentes. O primeiro consiste na diluição da fé, quando, em nome da abertura cultural, o evangelho perde seu caráter normativo. O segundo reside na reprodução da colonialidade, quando determinadas formas históricas de cristianismo são impostas como universais, silenciando outras experiências de fé. Entre esses extremos, Mateus 15:3 oferece um caminho teológico rigoroso: nem a tradição acima do mandamento, nem a cultura acima do Cristo.

Assim, a crítica interna formulada por Jesus não apenas legitima, mas exige que a igreja contemporânea se posicione contra toda forma de colonialidade religiosa, sem, contudo, abdicar de sua fidelidade ao evangelho. Trata-se de uma convocação à reforma contínua da *ekklesia*, na qual a verdade do mandamento divino permanece como critério supremo, e todas as tradições — inclusive as eclesiásticas — são permanentemente avaliadas à sua luz.

CAPÍTULO III: O QUE IMPORTA

4.1. O Cristianismo relevante e inclusivo

A reinterpretação das práticas e crenças da **Ekklesia de Christos** em contextos globais e diversos é um exercício teológico e cultural que busca tornar o cristianismo relevante e inclusivo em um mundo marcado pela diversidade. Tal reinterpretação deverá ocorrer na aceitação do cristianismo em despir-se da chamada civilização europeia, dominante e hegemónica, inserindo-se então na adaptação ao pluralismo cultural, Diálogo Inter-religioso, na Inclusividade e Equidade, nas Releituras Contextuais das Escrituras Sagradas e na Sustentabilidade e Justiça Social.

- a) Adaptação ao Pluralismo Cultural: Em um mundo globalizado, as comunidades cristãs interagem com uma ampla gama de culturas, tradições e crenças. A Ekklesia de Christos pode reinterpretar práticas tradicionais de modo a respeitar essas diferenças culturais, sem perder a essência da mensagem cristã. Por exemplo: A contextualização de rituais litúrgicos, como a celebração da Ceia do Senhor, pode incluir símbolos⁵ e expressões culturais locais, mantendo o carácter universal da fé (ex. ceiar com mandioca ou milho, ao em vez de faltar ceiar por falta de pão etc.).
- b) Diálogo Inter-religioso: A reinterpretação envolve também abrir espaço para conversas com outras tradições religiosas, promovendo a paz e a compreensão mútua. Isso permite que a Ekklesia seja um agente de reconciliação em contextos de diversidade religiosa. Por exemplo: Cultivar práticas que enfatizem valores compartilhados, como a justiça, o amor e o cuidado pelo próximo, independentemente da crença.
- c) Inclusividade e Equidade: Repensar as práticas da Ekklesia significa incluir vozes historicamente marginalizadas, como mulheres com relação ao exercício do ministério cristão, povos indígenas e africanas. Por exemplo: Reformular estruturas de liderança para refletir a diversidade das comunidades que compõem a Ekklesia, oferecendo representatividade a todos os seus membros.
- d) Releituras Contextuais das Escrituras: Reinterpretar crenças à luz de contextos globais pode significar também uma nova hermenêutica das Escrituras. Isso envolve ler os textos sagrados de uma maneira que dialogue com as realidades culturais e sociais contemporâneas. Por exemplo: A narrativa de libertação no Êxodo pode ser aplicada aos desafios modernos, como a luta contra o racismo, a desigualdade social e a colonialidade.

⁵ Símbolos locais: simbolizar o pão por funge, por ex. e o cálice por qualquer bebida disponível.

- e) **Sustentabilidade e Justiça social:** Em um mundo globalizado, a Ekklesia pode reforçar práticas que promovam justiça social e cuidado com a criação, alinhando-se com preocupações globais, como mudanças climáticas e desigualdades socioeconômicas. Por exemplo: Adotar ações comunitárias que priorizem a sustentabilidade ambiental e a justiça econômica.

É importante entender que a reinterpretação não é sinônimo de uma ruptura, mas sim uma evolução que mantém a essência da fé em um Deus imutável, enquanto responde às demandas e desafios de um mundo diverso.

4.2. A Teologia inclusiva e valorização de vozes marginalizadas na história do cristianismo

A construção de uma teologia inclusiva que reconheça e valorize as vozes marginalizadas na história do cristianismo é um projeto transformador e necessário. Ele desafia estruturas de exclusão, resgata narrativas silenciadas e oferece uma visão mais ampla e justa da fé cristã. Tal processo deverá estar firmado em pilares de reconhecimento da marginalização histórica, da Resignificação das Escrituras, da Inclusividade na Teologia e na Liturgia, da Teologia Contextual, da Ação Transformadora e da Valorização da Comunhão e do Diálogo:

- a) **Reconhecimento da Marginalização Histórica:** Muitas comunidades, como povo chokwe, povos indígenas, negros e africanos, tiveram suas experiências e contribuições apagadas ou subestimadas dentro da história do cristianismo. Uma teologia inclusiva começa por reconhecer essas ausências e injustiças. Por exemplo: Refletir sobre como as lideranças femininas nos primeiros séculos do cristianismo foram minimizadas ou ocultadas, e resgatar essas histórias como parte fundamental da tradição cristã.
- b) **Resignificação das Escrituras:** A leitura bíblica inclusiva é essencial para dar voz a grupos historicamente excluídos. Isso envolve reinterpretar textos sagrados a partir das experiências dessas comunidades, enfatizando a mensagem de justiça, amor e inclusão, o que não significa torcer a mensagem da Bíblia aos padrões do mundo iníquo. Por exemplo: A história de Jesus interagindo com os marginalizados, como a mulher samaritana ou os leprosos, pode ser vista como um modelo de acolhimento radical.
- c) **Inclusividade na Teologia e na Liturgia:** Uma teologia inclusiva promove práticas litúrgicas e teológicas que respeitem e celebrem a diversidade cultural e social das comunidades cristãs. Por exemplo: Reimaginar cerimônias e pregações de forma a incluir símbolos, linguagens e narrativas que reflitam as realidades de diferentes grupos.
- d) **Teologia Contextual:** Essa abordagem se fundamenta na realidade local e nos desafios enfrentados pelas comunidades. Ela considera questões como racismo, desigualdade

social, colonialismo e discriminação, integrando-as ao discurso teológico. Por exemplo: No contexto desta pesquisa, isso pode envolver a valorização das tradições chokwe, afro-brasileiras, africanas e indígenas no diálogo com o cristianismo.

- e) Ação Transformadora: Uma teologia inclusiva vai além da reflexão teórica e promove ações práticas que desafiem desigualdades. Isso inclui advocacia por justiça social, combate à opressão e criação de espaços seguros dentro das comunidades cristãs. Por exemplo: Iniciativas eclesiais que acolham pessoas desamparadas de maneira integral, reconhecendo sua dignidade e contribuição para a fé.
- f) Valorização da Comunhão e do Diálogo: Uma teologia inclusiva não busca uniformidade, mas comunhão na diversidade. É aberta ao diálogo e ao aprendizado mútuo, reconhecendo que a riqueza da fé cristã está nas múltiplas vozes que a compõem.

Nota: A construção dessa teologia é uma jornada contínua, mas cada passo contribui para um cristianismo mais representativo, compassivo e comprometido com o evangelho de inclusão e justiça para salvação de todo aquele que crê.

4.3. Alguns procedimentos que podem ajudar a igreja a viver a fé cristã sem conflitos com a ancestralidade da membresia.

Alguns requisitos são necessários:

a) Necessidade de distinguir três coisas (isso é essencial). Muita ruptura aconteceu porque essas três dimensões foram confundidas:

1º. Memória ancestral (bíblica) significa: Lembrar os antepassados, contar suas histórias, preservar nomes, lugares e lutas e agradecer a vida recebida. Isso é plenamente compatível com a fé cristã.

2º. Veneração ética (discernida) significa: respeitar os ancestrais como referência moral, aprender com sua sabedoria e reconhecer que “abriram caminhos”. Isso é compatível se não substitui Deus.

3º. Os limites cristãos sobre adoração são: atribuir aos ancestrais o lugar de Deus e buscar neles salvação, destino ou poder absoluto. O problema nunca foi a ancestralidade, mas a absolutização dela.

b) Viver a fé cristã a partir da memória (não da negação). A Bíblia manda lembrar, não apagar (Lembra-te de todo o caminho pelo qual o Senhor te conduziu” Dt. 8:2). Memória dos antepassados: Deus se revela dizendo: “Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó” (Ex. 3:6). Isto é, Deus se identifica por meio dos ancestrais, não os apaga. Aplicação prática: conte aos filhos e netos quem foram seus antepassados; fale das lutas, dos

erros e das vitórias; e diga sempre a eles: *“estamos aqui porque eles resistiram”*. Isso é espiritualidade cristã da memória.

c) Oração a Deus agradecido pelos ancestrais. Você não ora aos ancestrais, mas ora a Deus por causa deles. Honrar os pais: “Honra teu pai e tua mãe” (Ex. 20:12). No hebraico bíblico, isso envolve: cuidar da memória, manter o nome vivo e preservar valores. Isso é ancestralidade ética, não idolatria. Exemplo simples de oração cristã enraizada: “Deus da vida, agradeço pelos meus pais, avós e ancestrais que me trouxeram até aqui. Recebo o bem que deixaram e rejeito, em teu nome, o que gerou dor ou injustiça.”

d) Discernir práticas, não demonizar tudo. Perguntar a si mesmo, se essa prática gera vida ou medo? fortalece a comunidade ou domina pessoas? aponta para Deus ou aprisiona? Se gera vida → pode ser ressignificada. Se gera medo, dependência ou violência → deve ser abandonada. Jesus fez isso com as tradições do seu povo (Mc. 7).

e) Viver a fé sem vergonha de si. Viver a fé cristã sem romper com os ancestrais é não renegar o próprio povo, não demonizar a própria história e não viver um cristianismo importado que exige amnésia. Deus não pede que você traia seus mortos para segui-lo. Ele pede que você escolha a vida.

4.4. Deus não abomina as tradições africanas e não se identifica com nenhuma cultura

Deus não abomina as tradições africanas enquanto africanas. O que a Bíblia critica não é a cultura de um povo, mas práticas que negam a vida, a justiça e a dignidade humana, em qualquer cultura, seja africana, europeia, asiática ou americana, por seguintes argumentos:

1. Deus não criou povos “abomináveis”, porque a Bíblia afirma que Deus é criador de todos os povos: “De um só fez toda a humanidade, para habitar sobre toda a face da terra” (Atos 17:26). Se Deus criou os povos africanos, suas línguas, formas de organização, música, memória ancestral e modos de viver não podem ser, em si, abomináveis. A ideia de que Deus rejeita culturas africanas não nasce da Bíblia, mas de leituras coloniais e racistas da fé cristã.

2. O que a Bíblia realmente condena são as práticas, não identidades culturais. Por exemplo: violência ritual, opressão dos fracos, exploração, injustiça, mentira, sacrifícios humanos e culto que legitima dominação ou morte. Essas práticas existem em todas as civilizações (Egito, Roma, Canaã, Hebraica, Europa medieval, colonização cristã inclusive). Pelo que tal condenação nunca foi uma condenação seletiva aos africanos.

3. Tradições africanas ≠ idolatria automática. Muitas tradições africanas envolvem: respeito aos ancestrais, valorização da comunidade, centralidade da vida, espiritualidade ligada à terra e ética do cuidado e da partilha. Nada disso é condenado pela Bíblia; pelo contrário, a Bíblia orienta: “Honra teu pai e tua mãe” (Ex.20:12); “Escolhe, pois, a vida” (Dt. 30:19). O erro

histórico foi confundir ancestralidade com idolatria, algo que não é automaticamente verdadeiro.

4. Jesus nunca atacou culturas, línguas, vestimentas, músicas ou danças e nunca impôs uma cultura única, pelo contrário, Ele atacou a hipocrisia religiosa, a exploração, o poder que mata e a tradição que oprime; por exemplo ele disse: “Vocês anulam a palavra de Deus por causa da tradição de vocês” (Marcos 7:13). Nota que, a crítica não era à tradição em si, mas à tradição injusta.

5. O problema foi a colonização, não Deus. Durante a colonização: a fé cristã foi usada como ferramenta de dominação, culturas africanas foram demonizadas e diabolizadas e línguas, saberes e espiritualidades foram silenciadas. Isso não é cristianismo bíblico, é cristianismo colonial. Deus não caminhou apenas nos navios negreiros, mas também com os que resistiram.

6. Fé cristã e culturas africanas podem dialogar. Muitos teólogos africanos e afro-diaspóricos afirmam que, Deus já estava em África antes dos missionários europeus e o Evangelho não destrói culturas, purifica o que mata e fortalece o que gera vida. Isso se chama inculturação da fé, não sincretismo superficial.

7. Síntese clara: Deus não abomina tradições africanas; Deus não rejeita povos; Deus não se opõe à ancestralidade, à memória e à cultura; mas Deus se opõe à injustiça, à morte e à opressão em qualquer cultura ou sistema.

8. O que é ancestralidade (em termos africanos)? Na maioria das culturas africanas e afro-diaspóricas, ancestralidade não é “adorar mortos”, mas: memória viva da comunidade; continuidade entre passado, presente e futuro; transmissão de valores éticos; identidade coletiva (“eu sou porque nós somos”) e vínculo entre os vivos, os que vieram antes e os que ainda virão. O ancestral não substitui Deus. Ele é referência, não divindade suprema.

9. A Bíblia é profundamente ancestral. A Bíblia não é um livro individualista, é genealógico e memorial. a) Genealogias: Gênesis, Crônicas, Mateus e Lucas começam com genealogias e Jesus é apresentado a partir de seus ancestrais (Livro da genealogia de Jesus Cristo... Mt. 1:1). Isto é, sem ancestralidade, Jesus não tem identidade histórica.

10. Onde está o limite bíblico? A Bíblia estabelece um limite claro, que vale para qualquer cultura: Não se pode invocar ancestrais como fonte última de poder ou salvação e nunca se pode substituir Deus por espíritos intermediários absolutos, como está escrito: “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex. 20:3); Mas isso não anula: memória, respeito, continuidade histórica e aprendizado com os que vieram antes.

11. O erro histórico foi confundir memória com idolatria. Missionários coloniais, traduziram ancestralidade como “culto demoníaco”, ignoraram nuances culturais e impuseram

uma leitura europeia da fé e como resultado provocaram a ruptura identitária, a alienação cultural e o cristianismo vivido como negação de si mesmo. Isso não vem do texto bíblico, vem do projeto colonial europeu.

12. Jesus e a lógica da ancestralidade: o Senhor Jesus viveu dentro de uma lógica ancestral, por exemplo, Ele celebrou a Páscoa judaica (memória coletiva); participou de festas tradicionais judaicas; respeitou os mais velhos e citou os “antigos” com frequência (Vocês ouviram o que foi dito aos antigos...Mt. 5). Portanto, Ele não destruiu a tradição, ele a purificou quando oprimia.

6. Comunhão dos santos \neq negação da ancestralidade. No cristianismo antigo há memória dos mártires, preservação dos nomes e respeito aos que deram a vida pela fé. Por exemplo: “Estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas” (Hb.12:1). Isso é ancestralidade cristã, embora com outra linguagem.

Em suma: Ancestralidade é memória, identidade e ética; a Bíblia é um livro ancestral; Deus não exige que um povo negue seus antepassados; e o Evangelho não destrói culturas, liberta-as do que mata

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura atenta do Novo Testamento revela uma perspectiva teológica que afirma a universalidade da ação salvífica de Deus, em contraste com interpretações historicamente construídas que associaram o cristianismo à negação ou inferiorização de determinados povos e culturas, particularmente africanos. Longe de sustentar qualquer forma de exclusivismo étnico-cultural, o testemunho neotestamentário aponta para a inclusão radical de todos os povos no horizonte da graça divina.

Um episódio paradigmático nesse sentido encontra-se em Atos dos Apóstolos 8:26–40, no encontro entre Filipe e o eunuco etíope. Trata-se de uma narrativa profundamente significativa, não apenas por registrar a conversão de um africano, mas por evidenciar que o movimento cristão nascente já ultrapassava fronteiras geográficas, culturais e religiosas. A acolhida desse sujeito africano não se dá mediante a negação de sua identidade, mas por meio de sua inserção plena na comunidade de fé.

Tal perspectiva é reforçada pela afirmação paulina em Gálatas 3:28, onde se declara que “não há judeu nem grego”, indicando que as distinções étnicas e culturais não constituem critérios de hierarquização no interior da comunidade cristã. Não se trata de uma anulação das diferenças, mas de sua ressignificação à luz de uma unidade que não é uniformidade. Do mesmo modo, a visão escatológica apresentada em Apocalipse 7:9 projeta uma comunidade final composta por “todas as nações, tribos, povos e línguas”, reafirmando a diversidade como dimensão constitutiva do plano divino.

Entretanto, a história do cristianismo, especialmente no contexto da expansão colonial europeia, produziu leituras e práticas que destoam desse horizonte inclusivo. A associação entre cristianização e europeização resultou na marginalização de saberes, práticas e cosmovisões africanas, frequentemente classificadas como pagãs ou demoníacas. Esse processo não pode ser compreendido como expressão fiel do Evangelho, mas como um fenômeno histórico marcado por relações de poder, dominação cultural e epistemológica.

Diante desse quadro, impõe-se à igreja contemporânea uma postura crítica e reconstrutiva. Em primeiro lugar, torna-se necessário um exercício de memória e reconhecimento, que inclua a admissão das cumplicidades históricas da instituição cristã com processos de desumanização e inferiorização cultural. Tal reconhecimento não é meramente retórico, mas condição para uma práxis eclesial eticamente responsável.

Em segundo lugar, é fundamental distinguir entre o núcleo do Evangelho e as formas culturais específicas através das quais ele foi historicamente mediado. A identificação do

cristianismo com padrões culturais europeus constitui um dos principais obstáculos à valorização de outras matrizes culturais. Nesse sentido, a noção de inculturação apresenta-se como chave hermenêutica relevante, ao afirmar que a fé cristã pode e deve encarnar-se nas diversas culturas sem destruí-las, mas dialogando criticamente com elas.

No que concerne às culturas africanas, essa perspectiva implica não apenas tolerância, mas reconhecimento de seu potencial epistêmico, simbólico e espiritual. Elementos como a centralidade da comunidade, a valorização da ancestralidade, a oralidade e a integração entre o visível e o invisível podem oferecer contribuições significativas para uma compreensão mais ampla da experiência cristã. Evidentemente, esse diálogo exige discernimento teológico, evitando tanto a rejeição indiscriminada quanto a assimilação acrítica.

Ademais, a igreja é chamada a assumir um compromisso explícito com o enfrentamento do racismo estrutural e das formas contemporâneas de demonização das expressões culturais e religiosas de matriz africana. Tal compromisso não decorre apenas de imperativos sociais, mas de exigências intrínsecas ao próprio Evangelho, que afirma a dignidade de todos os povos.

Por fim, é imprescindível promover o protagonismo de sujeitos africanos e afrodescendentes na produção teológica. A construção de uma teologia verdadeiramente católica — no sentido de universal — passa pelo reconhecimento da pluralidade de vozes e experiências que compõem o corpo eclesial. Nesse horizonte, as teologias africanas e afro-diaspóricas não devem ser vistas como periféricas, mas como interlocutoras legítimas na tarefa de pensar a fé cristã em contextos historicamente marcados pela colonialidade.

Assim, a superação da demonização das culturas e tradições africanas ou não europeias no interior do cristianismo não constitui apenas um ajuste pastoral, mas uma exigência teológica fundamental, coerente com o testemunho neotestamentário e com a compreensão de um Deus que se revela na e através da diversidade dos povos.

À luz da análise desenvolvida, as considerações finais desta tese convergem para a reafirmação de que Evangelho de Mateus 15:3 não constitui apenas uma advertência pontual dirigida aos fariseus, mas estabelece um princípio teológico permanente para a vida da *ekklesia*: nenhuma tradição humana pode ocupar o lugar normativo do mandamento de Deus. Tal enunciado, ao emergir da própria prática e ensino de Cristo, legitima uma crítica interna à religião que se mostra indispensável para a integridade da fé cristã em todos os tempos.

Nesse sentido, a investigação evidenciou que a história da cristandade foi marcada por processos nos quais tradições culturalmente situadas — em especial aquelas oriundas do contexto europeu — foram universalizadas e naturalizadas como expressão única e legítima do

evangelho. À luz da noção de colonialidade do poder, compreende-se que tais processos não foram apenas religiosos, mas também epistêmicos e políticos, contribuindo para a marginalização de saberes e espiritualidades africanas, indígenas e afro-diaspóricas.

Entretanto, esta tese demonstrou que a crítica decolonial, quando articulada com uma hermenêutica cristocêntrica, não implica a negação do cristianismo, mas possibilita sua purificação histórica. Reconhece-se que toda produção teológica é situada e a mensagem libertadora de Cristo é distinta das suas formas históricas de institucionalização, frequentemente associadas a projetos de dominação.

Dessa articulação resulta uma compreensão renovada da *ekklesia de Christos*, não como uma estrutura fixa e culturalmente homogênea, mas como uma comunidade dinâmica, continuamente chamada a submeter suas tradições ao crivo do evangelho. Tal compreensão não autoriza a rejeição indiscriminada das tradições, mas exige seu discernimento crítico, reconhecendo que elas podem tanto mediar quanto obscurecer a vontade de Deus.

As análises realizadas também permitiram afirmar que a decolonialidade religiosa, quando orientada por Mateus 15:3, evita dois desvios fundamentais: por um lado, o relativismo teológico, que dilui o conteúdo normativo do evangelho ao equiparar indiscriminadamente todas as tradições; por outro, a reprodução da colonialidade, que absolutiza determinadas expressões culturais do cristianismo e as impõe como universais. Entre esses extremos, delineia-se um caminho de fidelidade crítica, no qual Cristo permanece como critério último de verdade.

Ademais, a pesquisa indicou que todas as tradições (cristãs, judaicas ou outras) não prescindem de discernimento, uma vez que todas as expressões culturais, inclusive aquelas historicamente marginalizadas, devem ser igualmente avaliadas à luz do mandamento de Deus.

Por fim, conclui-se que a relevância desta tese para a igreja contemporânea reside na sua capacidade de articular uma dupla fidelidade: fidelidade ao evangelho de Cristo e fidelidade à verdade histórica dos processos que moldaram a cristandade. Essa dupla fidelidade não apenas permite denunciar os excessos e distorções produzidos pela colonialidade religiosa, mas também aponta para a construção de uma *ekklesia* mais consciente, justa e aberta à diversidade dos povos, sem abdicar de sua identidade cristocêntrica.

Assim, Mateus 15:3 permanece como um chamado permanente à reforma da igreja, convocando-a a discernir continuamente entre o mandamento de Deus e as tradições humanas, e a posicionar-se criticamente diante de toda forma de dominação que, sob o disfarce do sagrado, comprometa a verdade do evangelho.

REFERÊNCIAS

MARTINS, J. V. **Crenças, Adivinhação e Medicina Tradicionais dos Tutchokwe do Nordeste de Angola**. Lisboa: Imprensa Portuguesa, 1993.

NT. **Cartas aos Gálatas 1.14**. São Paulo: [s.n.], Grego - Gl.1.14.

NT. **NT**. São Paulo: [s.n.], Grego 2 Tess.3.6.

NT, G. **NT Grego**. São Paulo: [s.n.], Grego 2 Tess. 2:15.

OLIVEIRA, M. R. D. **Bíblia Sagrada João Ferreira de Almeida - Versão digital**. São Paulo: [s.n.], 2010.

OLIVEIRA, M. R. D. **Bíblia Sagrada. versão digital. Atos 10. 34-35**.
<http://www.blasterbit.com>: [s.n.], 2010.

TRADUTORES, C. I. D. **Mateus 16: 18**. São Paulo: Editora Vida, 2000.

ANEXOS

Apêndice I - Quadro 4: Concílios Ecumênicos – Resumos e Principais Resoluções 1

Nº	Concílio	Data	Local	Tema central	Principais resoluções/decretos
1	Niceia I	325	Niceia (Bitínia)	Controvérsia aariana	Define o Filho consubstancial (homoousios) ao Pai; anátemas a Ário; diretrizes para data comum da Páscoa; 20 cânones disciplinares.
2	Constantinopla I	381	Constantinopla	Divindade do Espírito Santo	Reafirma Niceia; proclama a divindade do Espírito Santo; amplia o Credo Niceno-Constantinopolitano; combate pneumatômacos; precedência de Constantinopla.
3	Éfeso	431	Éfeso	Nestorianismo	Afirma a unidade da Pessoa de Cristo; proclama Maria Theotókos; condena Nestório.
4	Calcedônia	451	Calcedônia	Cristologia (duas naturezas)	Define uma só Pessoa em duas naturezas, sem confusão, mudança, divisão ou separação; condena eutiquianismo/monofisismo; cânones disciplinares.
5	Constantinopla II	553	Constantinopla	Releituras de Calcedônia	Condena os 'Três Capítulos'; interpreta Calcedônia em chave anti-nestoriana.
6	Constantinopla III	680–681	Constantinopla	Monotelitismo	Professa duas vontades e duas operações em Cristo (diotelitismo);

					condena o monotelitismo.
7	Niceia II	787	Niceia	Iconoclasmo	Restaura a veneração (não adoração) das imagens; distingue proskýnesis de latria (a Deus).
8	Constantinopla IV	869–870	Constantinopla	Cisma fotiano	Reconhecido no Ocidente; decisões disciplinares; trata o cisma de Fócio.
9	Latrão I	1123	Roma (Latrão)	Reforma eclesiástica	Reforça celibato clerical; questões de investidura; disciplina do clero.
10	Latrão II	1139	Roma (Latrão)	Disciplina do clero	Condena usura e irregularidades; normas contra violência/armas; reforma eclesiástica.
11	Latrão III	1179	Roma (Latrão)	Eleição papal e heresias	Estabelece maioria de 2/3 no conclave; medidas contra heresias (cátaros); disciplina.
12	Latrão IV	1215	Roma (Latrão)	Doutrina e reforma	Define 'transubstanciação'; impõe confissão anual e comunhão pascal; reforma do clero; normas contra hereges; cruzadas.
13	Lyon I	1245	Lyon	Conflito Império–Igreja	Depõe o imperador Frederico II; questões financeiras e disciplinares.
14	Lyon II	1274	Lyon	União com os gregos	Tentativa de união Oriente-Occidente; regula conclaves; disciplina sobre ordens mendicantes.

15	Vienne	1311 – 1312	Vienne	Templários e doutrinas	Suprime a Ordem do Templo; condena doutrinas místicas; temas universitários e missionários.
16	Constança	1414 – 1418	Constança	Grande Cisma do Ocidente	Põe fim ao cisma; condena Jan Hus; reformas projetadas 'in capite et in membris'.
17	Basiléia-Ferrara-Florença	1431 – 1445	Basiléia/Ferrara/Florença	Reunião com o Oriente	Decretos de união com gregos (efêmera) e outras Igrejas orientais; questões eclesiológicas.
18	Latrão V	1512 – 1517	Roma (Latrão)	Reforma moderada	Diretrizes sobre imprensa, pregação e ordens; reformas internas às vésperas da Reforma protestante.
19	Trento	1545 – 1563	Trento (e Bolonha)	Resposta à Reforma	Define cânon bíblico; doutrina da justificação; sacramentos (natureza e número); Eucaristia (presença real); seminários; reforma litúrgica e disciplinar.
20	Vaticano I	1869 – 1870	Roma (São Pedro)	Primado e infalibilidade	Constituições 'Dei Filius' (razão e fé) e 'Pastor Aeternus' (primado/infalibilidade papal).
21	Vaticano II	1962 – 1965	Cidade do Vaticano	Renovação eclesial	Documentos: Lumen gentium, Dei Verbum, Sacrosanctum Concilium, Gaudium et Spes, Unitatis redintegratio, Dignitatis humanae, Nostra aetate; papel dos leigos; colegialidade; reforma litúrgica.

Notas rápidas:

- As Igrejas do Oriente reconhecem classicamente os sete primeiros concílios (Niceia I a Niceia II).
- No Ocidente latino, a lista se estende até o Vaticano II (1962–1965).
- Termos centrais: homoousios (consubstancial), diotelitismo (duas vontades em Cristo), transubstanciação (mudança da substância do pão e do vinho).

Referências essenciais para citação:

- Denzinger–Hünemann, *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*.
- Norman P. Tanner (ed.), *Decrees of the Ecumenical Councils*, Georgetown Univ. Press.
- *Acta Conciliorum Oecumenicorum* (ACO).

Apêndice 2: CREDO DE NICEIA THE CREED OF NICAEA - AGREED AT THE COUNCIL IN 325

Πιστεύομεν εἰς ἕνα Θεὸν Πατέρα παντοκράτορα πάντων ὀρατῶν τε καὶ ἀοράτων ποιητὴν· καὶ εἰς ἕνα Κύριον Ἰησοῦν Χριστὸν τὸν Υἱὸν τοῦ Θεοῦ, γεννηθέντα ἐκ τοῦ Πατρὸς μονογενῆ τουτέστιν ἐκ τῆς οὐσίας τοῦ Πατρὸς Θεὸν ἐκ Θεοῦ, Φῶς ἐκ Φωτὸς, Θεὸν ἀληθινὸν ἐκ Θεοῦ ἀληθινοῦ, γεννηθέντα, οὐ ποιηθέντα, ὁμοούσιον τῷ Πατρὶ, δι' οὗ τὰ πάντα ἐγένετο· τὰ τε ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ τὰ ἐν τῇ γῆ, τὸν δι' ἡμᾶς τοὺς ἀνθρώπους, καὶ διὰ τὴν ἡμετέραν σωτηρίαν, κατελθόντα, καὶ σαρκωθέντα, καὶ ἐνανθρωπήσαντα, παθόντα, καὶ ἀναστάντα τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ, ἀνελθόντα εἰς τοὺς οὐρανοὺς, ἐρχόμενον κρῖναι ζῶντας καὶ νεκρούς, καὶ εἰς τὸ Ἅγιον Πνεῦμα. Τοὺς δὲ λέγοντας Ἔν ποτε ὅτε οὐκ ἦν, καὶ Πρὶν γεννηθῆναι οὐκ ἦν, καὶ ὅτι Ἐξ οὐκ ὄντων ἐγένετο, ἢ Ἐξ ἐτέρας ὑποστάσεως ἢ οὐσίας φάσκοντας εἶναι ἢ κτιστὸν ἢ τρεπτόν.

ἢ ἀλλοιωτὸν τὸν Υἱὸν τοῦ Θεοῦ, τούτους ἀναθεματίζει ἡ ἀγία καθολικὴ καὶ ἀποστολικὴ ἐκκλησία.

We believe in one God, the ather almighty, maker of all things visible and invisible; And in one Lord, Jesus Christ, the Son of God, begotten from the Father, only- begotten, that is, from the substance of the Father, God from God, light from light, true God from true God, begotten not made, of one substance with the Father, through Whom all things came into being, things in heaven and things on earth, Who because of us men and because of our salvation came down, and became incarnate and became man, and suffered, and rose again on the third day, and ascended to the heavens, and will come to judge the living and dead, And in the Holy Spirit. But as for those who say, There was when He was not, and, Before being born He was not, and that He came into existence out of nothing, or who assert that the Son of God is of a different hypostasis or substance, or created, or is subject to alteration or change - these the Catholic and apostolic Church anathematizes.

Credimus in unum Deum patrem omnipotentem, omnium visibilium et invisibilium factorem. Et in unum Dominum nostrum Jesum Christum filium Dei, natum ex Patre unigenitum, hoc est, de substantia Patris, Deum ex Deo, lumen ex lumine, Deum verum de Deo vero, natum non factum, unius substantiae cum Patre, quod graece dicunt homoousion, per quem omnia facta sunt quae in coelo et in terra, qui propter

nostram salutem descendit, incarnatus est, et homo factus est, et passus est, et resurrexit tertia die, et adscendit in coelos, venturus judicare vivos et mortuos. Et in Spiritum sanctum. Eos autem, qui dicunt, Erat quando non erat, et ante quam nasceretur non erat, et quod de non exstantibus factus est, vel ex alia substantia aut essentia, dicentes convertibilem et demutabilem Deum: hos anathematizat catholica Ecclesia.